

1930 - 18

14

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE
LETRAS

ANO: 1930 – ANO: IX- Nº 18

Revista do Centro Mato-grossense de Letras

ANNO IX

Julho a Dezembro de 1930

NUMERO XVIII



Publicação Semestral

SUMMARIO

- Hymnos e Canções — *D. Aquino Corrêa*
Da "Imitação de Christo" — *Augusto Cavalcanti*
Soror Martha — conto — *Cesario Prado*
Velha aroeira — poesia — *Ulysses Cuiabano*
Trinta de Maio — poesia — *A. Tolentino de Almeida*
Sansão e Dalila — sainete — *José de Mesquita*
Subsídio para o estudo de Dialectologia — *Franklin Cassiano*
Fructo Perdido — poesia — *Octavio Cunha*
Os tropeiros do sertão — *Isac Povoas*
Pobre amor — conto — *Oscarino Ramos*
A guerra mundial — poesia — *H. Soido*
O Cururú — *J. Bonifacio de Albuquerque*
Raymundinho — conto — *Francisco Mendes*
Páginas dos Mestres:
Oração à Bandeira — *Olavo Bilac*
Páginas contemporaneas:
O "Centro" e a cultura mato-grossense — discurso — *Generoso Siqueira*
Páginas esquecidas:
Elegia — *João Marciano Barreto*
Páginas dos novos:
Poesia Mato-grossense — *M. Cavalcanti Proença*
Relatorio do anno social 1928 — 1929
Actas das sessões do "Centro"

HYMNOS E CANÇÕES

POR D. AQUINO CORRÊA

FLÔRES DA PÁTRIA

Hymno das Escolas Populares de S. Paulo

Somos flôres da Pátria querida,
Que buscamos um raio de sol,
Para abrimos na aurora da vida,
Como lírios em pleno arrebol.

Côro:

Vem, ó sol, que illuminas a mente,
■ Bello sol da instrucção popular!
■ Vem-nos dar essa luz tão potente,
Que faz na alma a virtude brotar.

Salve, ó luz bemfazeja que alegras
Os tugurios sem pão nem amor,
Como o sol, que nas grótas mais negras,
Desabrocha os sorrisos da flôr!

Ao clarão desse dia tão lindo,
Com que espancas a treva fatal,
Deus e a Pátria nos olham, sorrindo,
Como um só e infinito ideal!



II

AS "NOELISTAS"

Canção para as "Noelistas" do Rio de Janeiro

Eamus cum Eo! Vamos com Jesus!
(Divisa das "Noelistas")

A cidade em flôr, á beiramar, sorria
Para o céu de esmalte, para o céu azul:
Rebentavam rosas ao calor do dia,
E gaivotas voavam sobre o mar taful.

Era um doce encanto, que a viver convida,
Embriagando a mente em celestial licor:
A onda murmurava: como é bella a vida!
Respondia a rosa: como é lindo o amor!

E eis que a mocidade, de alma sempre aberta,
Lança-se a correr das illusões em pós:
E no emtanto o Christo, em sua cruz deserta,
Extendia os braços, suspirando a sós!

Então foi que um grupo de gentis donzellas,
Côro virginal do santo amor de Deus,
Fez ouvir a voz, que pareceu aquellas
Dos anjinhos puros do Natal, nos céus:



« Almas que vagaes, por sobre a terra infida,
Procurando allivio ao vosso immenso ardor,
Vamos com Jesus! porque só Elle é a vida,
Vamos com Jesus! porque só Elle é o amor!»

E ellas desfraldaram pelo céu risonho,
Palpitando ao sol, este pendão lirial:
Numa cruz de azul, como um celestes sonho,
Uma estrella d'alva, como um doce ideal.

E hoje, quando passa a mocidade airoza,
Na sua ansia eterna de viver e amar,
Vamos com Jesus! lhe diz aqui a rosa,
Vamos com Jesus! repete além o mar!



III

Canção da noviça

Eis o porto placido, com que eu sonhava!
Eis o porto azul, todo banhado em luz!
Lá por fóra ruge a tempestade brava,
Mas eu nada temo, junto a ti, Jesus!

Côro

Vida da minha alma, ó meu Jesus amado!
Sonho virginal da minha vida em flôr!
Dá-me essa grinalda do eternal noivado,
Serei toda tua, serás meu, Senhor!

Eu bem sei que os lírios deste amor glorioso
Viçam entre espinhos, mas eu quero assim,
Assim mesmo, ó Deus, ó meu celeste esposo,
Morto numa cruz, a suspirar por mim!

Consagrada a ti, por esponsaes divinos,
Soffrerei contigo, sobre o mesmo altar;
E, purificada, ensaiarei os hymnos,
Que somente as virgens poderão cantar!

Nada aqui me falta a meu consolo, nada!
Eis Maria, a mãe, que teu amor me deu,
E eis a Eucharistia, a Communhão sagrada,
Beijo matinal em que prelibo o céu!

Que me vale a terra, onde o prazer, no fundo,
São remorsos, travos, illusões e só?
Ai! do desgraçado, que confiou no mundo,
Quando a morte tudo reduzir a pó!

Mas nessa hora triste, em que a illusão das rosas
Desta vida morre, é que virás, Senhor,
Receber as almas das fiéis esposas,
No osculo infinito do mais santo amor!

Passarão as cruces! passará o inverno!
E no céu dos céus, me saciarei a flux,
Contemplando a flôr do teu sorriso eterno,
E cantando o amor, o teu amor, Jesus!

Vida da minha alma, ó meu Jesus amado!
Sonho virginal da minha vida em flôr!
Dá-me essa grinalda do eternal noivado,
Serei toda tua, serás meu, Senhor!



IV

As costureiras de Jesus

Canção da "Obra dos Tabernáculos" de Cuiabá

*Vinde, ó almas gentis e piedosas,
Vinde todas aqui trabalhar,
Nestes linhos e sedas e rosas
De Jesus, que reside no altar.*

*Trabalhemos, irmãs, prazenteiras,
Porque, além, já prepara o bom Deus,
Para as suas fiéis costureiras,
Um vestido de estrellas nos céus!*

*Nunca, nunca melhor a donzella
Usará sua mão virginal,
Do que assim, quando cose com ella,
De Jesus o divino enxoval.*

*Imitemos a Virgem Maria,
Na pureza, na fé e no amor,
Com que outróra, na terra, tecia
O vestuario ao seu Filho e Senhor.*

*E assim como, no linho alvo e brando,
Recamamos os lírios e a cruz,
Assim vámos nossa alma bordando
De virtudes com fios de luz.*

v

A SANTA CECILIA

Hymno do «Conservatorio Dramatico e Musical
de S. Paulo»

Quando em Roma echoou, clara e doce,
De Cecilia a canção virginal,
A cidade pagã extasiou-se,
Aos accents da nova vestal.

Côro:

Salve, ó flôr de divina poesia !
Salve, ó virgem cantora dos céus !
Salve, ó anjo da eterna harmonia,
Em que as almas se elevam a Deus !

Tu cantavas, e o limpido canto,
Na voz do orgão, dizia ao Senhor:
« Seja o meu coração puro e santo,
Para sempre cantar teu amor ! »

Faze, pois, ó Cecilia, que, ardente,
Nosso espirito se erga tambem,
Na aza de ouro dos sons, docemente,
Para o azul, para o ideal, para o bem !

VI

A MARIA

Medianeira de todas as graças

HYMNO

Mãe de Deus ! Virgem - Mãe ! pura e bella !
Toda cheia de graça e de luz !
E's nosso iris, em meio á procella,
Tu que enlaças nossa alma a Jesus !

Côro

Medianeira de todas as graças,
Que na terra derramam os céus !
Esperamos em ti, que nos faças,
O' Maria, subir até Deus !

Sobre as noites fataes da nossa alma,
Como a lua no céu, tu sorris,
Reflectindo essa luz doce e calma,
Com que Deus chama a si o infeliz.

Esperança de quem desespera!
Mãe de quem agoniza na cruz !
Tu consolas a morte mais fera,
Porque és tu que nos mostras Jesus !

Tu és vida, doçura e esperança !
E's a porta e és a chave do céu !
Quem por ti vae a Deus, tudo alcança,
Pois Deus mesmo esta gloria te deu !



De que o homem por si nada tem de bom
e de nada se pode gloriar

(Da "Imitação de Christo" por P. Corneille)

A minha sobrinha Amélia

Senhor, o homem que é, e na mente divina
quem lhe dá o lugar que a elle se destina?
Esse filho de Adão o que é que o habilita
a destarte attrahir tua honrosa visita?
O homem que fez, enfim, que tua graça a miudo
se mostra em seu favor e lhe serve de escudo?
Posso me lastimar com motivo razoavel
quando ella me abandona a meu genio mudavel,
e a tua austeridade arguir qual quer excesso
quando minha oração obtem pouco successo?

Devo antes confessar minha propria fraqueza;
devo antes reflectir e dizer com presteza:
«Senhor, eu nada sou, de mim nada consigo,
nada tenho de bom se não conto contigo.

«Meus defeitos são taes, minha insufficiencia
que me dão para o nada uma fatal tendencia.
Sem que tua bondade o coração me anime,
sem que minha fraqueza ao teu poder se arrime,
e te dignes assim me formar e me instruir,
nada, por meu valor, me é dado produzir,
e a minha incompetencia encontra em um momento
artibieza, o embaraço, o desfallecimento.

Tu só, o mesmo sempre e *ab eterno* immutavel,
te mantens para sempre em um ser perduravel:
sempre bom, sempre santo e justo, e neste exilio
a tolos dispensando o teu divino auxilio.

Bondoso e justiceiro, ages em todo o mundo,
e em tudo e em toda parte é teu saber fecundo;
porem enquanto a mim, que pendo com excesso
mais para a imperfeição do que para o progresso,
minha alma, instavel sempre, a nada se sujeita:
Ella procura e foge, ella abraça e rejeita,
e em seu melhor estado, é, por triste ironia,
propensa a variar muitas vezes ao dia.

Quando, em soccorro meu, corres a mim, no entanto,
eis que todo meu mal se ausenta por encanto;
e, para que meu ser com o maior bem surprehendas,
basta apenas, Senhor, que tua mão lhe estendas.
Tu o podes bem, meu Deus, só com a tua vontade,
sem o auxilio sequer de alguma outra entidade:
Tu me podes por ti tão bem fortificar
que a alma não tenha mais de que desconfiar,
que meu constante ardor não soffra intermittencia.
que minha sorte igual não mude de apparencia
e que meu coração, de zelo e de fé cheio,
como em seu centro, emfim, repouse no teu seio.

Ah! si este coração abandonar pudesse
toda a consolação que a terra lhe offerece,
quer para adquirir a devoção mais pura,
quer pela precisão que sente a creatura
de recorrer a ti, divina Providencia,
já que nenhum mortal suavisa-lhe a existencia,
então, de certo, então eu teria motivo

de achar em tua graça um pleno lenitivo,
e me regosijar, por esse novo encanto
de ver que tua mão me enxugaria o pranto.

De ti, meu Salvador, de ti, fonte bemdieta,
dimana todo bem que a mim me felicita.
Não sou mais do que um nada inchado de vaidade,
não sou mais que inconstancia e que imbecilidade;
e se um titulo justo indago a meu respeito
que me sirva de gloria e de qualquer conceito,
vejo só como apoio a meu subido empenho
esse nada que sou e o nada de onde venho,
e que fundar a gloria em base tão incrível
é, certo, uma vaidade abaixo da admissivel.

O' vento pernicioso! ó enganador successo!
como o homem julga mal teu verdadeiro preço,
ó falsa e inutil gloria! ó peste negregada,
que és um nada, afinal, mas um funesto nada!
Teus attractivos vão afastam-nos da via
onde a só verdadeira em brilhos irradia,
e a alma, de teu sopro indigno conspurcada,
das graças de seu Deus é por ti despojada.
Sim, nossa alma, Senhor, com ser o teu retrato
deixa de te agradar quando o prazer lhe é grato,
e com sua avidez por esses vão louvores
se priva do valor dos teus adoradores.

Pode o homem se alegrar e se glorificar;
mas apenas em ti deve tudo apolar;
em ti só, não em si, fundar com ufania
a verdadeira gloria e a divina alegria,
attribuir a ti só, não ao seu valimento,
o mais vivo esplendor do seu merecimento,

louvar sempre em seus dons o seu divino auctor
e ver na creatura a mão do Creador.

Se o que eu fizer, meu Deus, valer alguma estima
para louvar-se o teu, meu nome se supprima;
que este universo inteiro, a teu louvor affeito,
minhas obras despreze e ás tuas renda preito;
mesmo nesta que vês desejo que ignorado
seja sempre o meu nome e o teu mais adorado;
teu Espirito Santo apenas tenha a gloria,
sem que nada me aclame e me guarde a memoria,
e quem quizer se aposse agora ou no porvir
do mais suave odor que meu verso expandir.

Em ti a minha gloria e todo meu prazer,
e o que quer que o porvir me julgue merecer,
eu os quero ter em ti, sem a menor vaidade
senão em confessar minha fragilidade.

Que os judeus e os demais, de coração descrente,
busquem essa honra vã que se dão mutuamente,
elles que della após corram dessa maneira,
sem que eu lhes tenha inveja a tão grande cegueira.

Gloria ou honra que busco e que desejo tanto
é somente a que faz o teu imperio santo,
essa que aos servos teus de tua mão dimana
e não pode soffrer nenhuma mescla humana.
Essa honra temporal, de que a alma é tão vil presa,
esse fôfo exterior da mundana grandeza,
á tua eterna gloria uma vez comparados,
são meras diversões de cerebros variados.

O' Verdade suprema e p'ra sempre adoravel,
Misericordia immensa e p'ra sempre ineffavel,

eu n'ó desejo mais nessa debilidade
outra misericórdia e nem outra verdade.

A ti, Trindade santa, esperança do crente,
a ti todo o louvor, a ti gloria esplendente!
O universo e o porvir, divina potestade,
louvem-te mais e mais por toda a eternidade!
Taes são os votos meus e todos os louvores
que pedem em partilha os meus fracos labores,
e o lustre que num feito acaso mereci
deixe meu nome obscuro e brilhe sobre ti.

Augusto Cavalcanti



Soror Martha

A' veneranda senhora, D. Isabel de Mesquita.

Era quando murchavam as rosas vermelhas e apagavam-se as resteas douradas do sol estival sobre os tufosos arbustos engrinaldados de brancas madresilvas ao redor do algibe, vindo encher o extenso corredor do claustro o manto de sombra das altas paredes, era a hora que Martha, a noviça, vinha sentar-se em um dos frios bancos de azulejos, ao pé de cada porta das sorores piedosas.

E demorava em recolhida, extatica meditação.

Mandava a tarde as suas despedidas em preguiçamentos subtis como que tecidos em véos de melancolia dormente por todo o convento, de paz ultra-serena para as almas em recolhimento, de silencio só perturbado pelo rumor dos collos furta-cores e dos surdos glus glus de pombas pelos arcos-botantes, pelas columnas e arcadas internas daquella laura de corações exúes.

E com azas silenciosas, para onde batiam, voavam e fugiam os secretos pensamentos de Martha?

Descansariam de mysticas visões e visitariam os logares turbidos do mundo que para sempre deixára?

Com passos leves e silenciosos, annunciados pelo rumor de suas brancas vestes, adiantava-se Soror Piedade e estendeu-lhe com gesto carinhoso e maternal uma carta aberta:

— E' para ti, filha, e parece que vem de casa.

Martha cortejou a veneranda soror com respeitosa inclinação de cabeça e na turbação da sua surpresa até lhe esqueceram palavras de agradecer.

Depois a sós, arfante ainda de commoção, poz-se a lêr a carta de Ninito, assignatura que soffrega leu primeiro. — Ninito, o querido maninho tão agarrado a ella dês que despontára para a vida, Ninito que aprendera a ler nos seus joelhos, o bom peralta Ninito sempre caro ao seu coração, Ninito, um affecto que lhe doia deixar.

Minha querida Martha:

Não, não foi por não te estimar que eu não quize despedir de ti, minha querida irmã.

Quando appareceu na sala aquella mulher de luto para te buscar para o convento, eu fui me fechar no quarto porque senti que não tinha animo de te vêr ir embora, Martha, e eu havia de chorar muito, como uma creança. . .

Passei todo dia fechado no quarto e deitado na minha caminha e então á noite, quando descii á sala de jantar vi que Pápá e Mamãe estavam muito tristes. E, entretanto, foram elles, coitados, que procuraram-me consolar. Papae, garantindo-me que voltarias logo, cheio de esperança de ver-nos ainda juntos, estudando nesta mesma sala, nesta mesma meza onde corrigias os meus cadernos. Lembras?

Mas Mamãe disse-me que não, porém que não me entristecesse, porque foste ser irmã de caridade.

Será verdade?

Será verdade que irás ensinar outras creanças?

E usarás essa roupa tão triste e exquisita de outras irmãs que encontro ás vezes de bond ou na barca de Nictheroi, e pergunto á Mamãe si tambem te vestes assim? Ella então me responde que não, que essas são freiras, damas da Visitação, freiras de não sei que mais. . .

Outros me dizem que irás servir nos hospitaes, ficarás tratando dos doentes de lá, mas eu não comprehendo nada, penso que me enganam, não sei porque nos deixaste, o que foste fazer, o que vás ser

Um collega mostrou-me no seu livro de francez uma figura de irmã de caridade. Estava com um enorme chapéo branco e amparava, ajoelhada no chão, um soldado ferido, dando-lhe de beber.

Elle que é mais velho e sabe mais, contou-me que as irmãs tambem costumam ir aos campos de batalha para cuidar de feridos. São occupações dellas, me disse. Oh, voltas p'ra casa porque tenho saudade de ti, sim?

A's vezes fico distrahido sem comprehender a lição, porque me falta a tua explicação, falta-me a tua paciencia, minha bôa Martha.

O relógio da varanda ficou parado desde o dia que foste embora e o nosso canario não canta mais, apesar de que eu não me esqueço de trocar a alpista, botar outra agua e limpar a gaiola delle todos os dias. Mas tudo em casa parece que anda mais triste desde que nos deixaste: Papae que não nos conta mais aquelles casos engraçados e Mamãe que costura á noite sem trocar palavra. Acho que todos então, estão pensando em ti, Martha.

Ah, volta, querida irmã, porque si é certo que estás ahí rezando por mim, como me dizem, aqui te quero muito, muito, aqui te espera com enorme saudade o teu

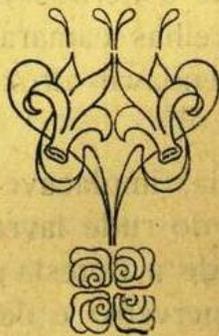
Ninito.

Martha limpou os olhos nublados e molhados, recolheu no bolso fundo do habito, bem dobradinha, dobrada com carinho, a terna, singela carta do mano pequeno e caminhando como si trouxesse calçados de chumbo, tomou o extremo do corredor sombrio.

Ajoelhou-se em frente ao Christo de gesso e em breve foi-se sentindo muito outra, muito acima da inconstante, fugidia ternura humana, muito mais forte na sua resolução de perenne sacrificio, de voluntaria immolação propria, parecendo-lhe que o seu Deus crucificado, — com vivas chagas nas mãos piedosas, assim lhe dizia com os braços abertos :

— Por amor de ti, Martha, tambem eu me deixei trespassar de dores, como vês, minha filha.

Cesario Prado



VELHA AROEIRA

A José de Mesquita

Na verde capoeira, entre arbustos mirrados,
Qual monumento eterno esculpido em granito,
Uma velha aroeira os braços descarnados
Ergue, como a pedir compaixão do infinito.

Outr'ora quando a selva era basta e frondente
Na sua virgindade estupenda e brutal,
Ella então pompeava a coma viridente
Sobre as suas irmãs, de um modo triumphal.

Pois naquella maranha immensa de ramadas,
Na densa confusão de soberbos cipós,
Ella sobrepujava as velhas camaradas
Como a desafiar o vendaval atroz.

Depois, num bello dia, implacavel, possante,
Veiu a segure audaz do rude lavrador
E abateu sem piedade a floresta gigante
Num trabalho cruel, perverso e destructor.

E da immensa extensão da matta extraordinaria,
Onde o astuto jaguar ferino se abrigava
Ficou essa aroeira annosa e solitaria
Como recordação daquella selva brava.

Apenas o machado em sua furia vasta
A corcha lhe rompeu, rancoroso e cruento,
Como o raivoso e máu e diro iconoclasta
Que ousasse derruir um bronzeo monumento.

Numa tarde sombria e cálida de Agosto
Na aguarentada matta inerte e resequida
O incendio se alastrou, de proposito posto,
Deixando tudo em cinza, e sem alento e vida.

A arvore secular, porém, ficou despida
Da viride ramada, e lambida atrozmente
Pelo fogo voraz, crestada e denegrída,
A custo resistiu á queimada inclemente.

.....
Algum tempo depois o vasto milharal
Viçava onde era outr'ora o bosque umbroso e enorme
E sobre a roça, qual briareu colossal,
A aroeira ostentava o seu vulto disforme.

E hoje, elevando aos céus os braços descarnados,
Secca, despida e nua, essa velha aroeira
Parece assim de longe, entre arbustos mirrados,
Saúdosa evocação da matta sobranceira.

Ulysses Cuiabano



TRINTA DE MAIO

*Que horrivel meia noite em que monstruoso crime
Havia de manchar os homens e a cidade!
Noite propicia ao mal. A musa não exprime
Aquella grande horror, aquella iniquidade!*

*Em torpes corações o plano mais horrendo,
Que possa conceber um monstro deshumano,
Naquella triste noite estava refervendo,
Como na tempestade os vagalhões do oceano.*

*Não tinham, nesse instante, os homens, consciencia,
Si a tinham, dormitava em antro pavoroso ;
Nessas almas sem luz não havia clemencia,
O odio rugia como um tigre assáz furioso.*

*Só faltava o signal... Eis que sôa, estridente,
Na praça da matriz, o som de uma corneta.
«E' o momento da ceifa, o momento excellente,
Não ha no firmamento a luz de um só planeta»*

*Dizem. Logo depois o bimbalar dos sinos,
A corneta a sôar, os tiros, os gemidos,
Correrias sem fim, tremendos desatinos,
Levados pelo vento e ao longe repetidos...*

*Despertavam no leito, em panico, as crianças;
Arrancavam ás mães gritos de magua e dor;
Quantos iam assim, puxadas pelas tranças,
Mostrar o seu marido, aos repellões, que horror?!*

*Aquelles, em que a morte os olhos tinha fitos,
Supplicavam debalde a protecção divina:
Apertavam, morrendo, os filhos pequenitos,
E a esposa se atirava á lamina assassina!*

«Morra, morra Bicudo!» A faca ensanguentada
Sahe do corpo que fere e estrebuchando cahe;
Soluça a estertorante imprecação maguada
Dos filhinhos em torno ao cadaver do pae.

Correm grupos, a esmo, implorando soccorro,
Tontos, bem como a nau sem bussola, sem norte.
E o grito a repetir-se:—«Acode-me que morro!»
E os tiros a sôar e o triumphar, da morte!...

A esses gritos de dor, escancarando as boccas,
Os olhos a sahir das orbitas sombrias,
Casa-se a gargalhada horrivel que, já loucas,
Soltam, na escuridão, mulheres hirtas, frias!

Em meio deste horror, o crucifixo em punho,
Passava D. José pedindo, supplicando...
Não poudes a religião imprimir o seu cunho
Nem acatada ser pelo grupo nefando.

Quantos foram buscar nas grotas e nas furnas
Abrigo e salvação, que a Cidade não dera!
E por essas rechãs e paragens soturnas
Reluziam punhaes e olhos rubros de fera.

Não sei como apagar essa nodoa horrorosa,
Feita de sangue e fel, das paginas da historia!
Dos seculos, mais tarde, a esponja poderosa
Nol-a virá tirar do livro da memoria.

Pois bem. Fique uma extensa e franca reticencia
Para a mão do porvir. Esperemos. Um dia,
Hade, como um pharol, brilhar nossa innocencia,
Extinguir-se de todo essa nuvem sombria.

A. Tolentino de Almeida.

SANSÃO E DALILA

(Burleta em um acto e doze tiras de papel)

PERSONAGENS:

Ella—pouco mais que uma menina. 18 annos, si tanto. Vestido acima dos joelhos, largamente decotado, que não é mais que uma sombra sobre a "combinação" de sêda. Ombreiras de prata, meias transparentes, de baguete, collar de tres voltas, anneis de camapheu. Muito bistré nos olhos, muito rouge nos labios, muita affectação nos modos. Acaba de entrar, sobraçando o "socca-marido" e a bolsinha de velludo preto, que depõe sobre a mesa. Usa o appellido Zézé, sem ser Leone.

Elle—pouco menos que um velho. 50 annos para fóra. Vestido como todos os homens. Não usa bistré, nem rouge, nem modos estudados. Estirado numa espreguiçadeira, lê os papeis da Repartição, que trouxe para estudar em casa. Chamam-no habitualmente Major Totônio, de Antonio, seu nome de baptismo.

A voz de Maria—no interior

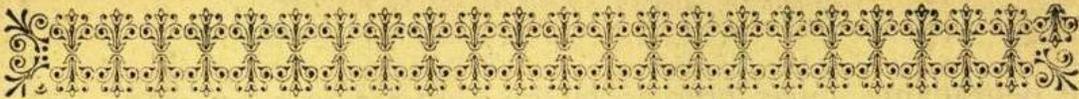
Frederico—que é chamado, mas não chega a apparecer em scena.

SCENARIO:

Interior burguês, sem arte, nem originalidade. Casa de funcionario publico que vence 400\$000 por mês, sujeito a atrasos periodicos.

ÉPOCA:

Actualidade, vale dizer, a éra do tango e da tanga



ACTO UNICO

SCENA UNICA

Zezé — (depois de ageitar, em frente ao pequeno espelho do consolo, o cabelo meio revolto, vai até a porta da sala de jantar, donde volta, sorrindo levemente para o marido) Si você soubesse, meu bem, donde venho e o que acaba de succeder-me. . .

Totônio — (calmo e interrompendo a leitura) — Não sei, mas calculo que você volte da casa das Borges. Não é lá que você me disse que ia? . . .

Zezé — Sim, lá estive. Mas, depois, fui ás compras e, na Praça, encontrei a Clotilde — sabe, a mulher do Alvarenga? — que me levou á casa da Carmo, que hoje anniversaria. . .

Totônio — É o que foi que succedeu, filha?

Zezé — Oh! nem sei como diga! Um vexame! Um vexame! um vexame completo!

Totônio — (sobresaltado, largando os papeis sobre a mēsa e endireitando os respeitaveis olhos de tartaruga) Conte lá o que foi? Fizeram-lhe alguma desfeita?

Zezé — Não, meu amor, peor que isso. . .

Totônio — A Carmo recusou-se a receber? Fugiu de casa? Não é?

Zezé — O' filho, a Carmo não costuma fugir nos anniversarios. . . cousa muito mais vexante!

Totônio — Foi, então, você ter esquecido o lenço? ou teve algum incommodo que. . . .

Zezé — (já meio irritada, passeando nervosa pelo aposento) Irra! Você não entende. . . Não é nada disso, Totônio!

Totônio — (tambem nervoso, levantando-se) — Mas, com os diabos, menina, que foi então? Vá! Desembuche!

Zezé — (meio chorosa, vindo para junto do esposo, em tom de queixa) — E' que, entre 8 ou 9 senhoras e moças, que lá estavam, só eu — veja bem, só eu é que não tinha o cabelo cortado! (desata em soluços, convulsivamente).

Totônio — (tentando acalmal-a) Mas, Zezé, isso que tem de vexatorio? Ao contrario, parece-me honrosa excepção essa, que mostra que você não é uma escrava dessa moda absurda

e degradante, cujas origens já lhe contei e que em nada contribue para embellezar a mulher de nossos dias, antes a degrada e desprestigia-lhe a belleza... Quanto você devia orgulhar-se, ao contrario, de não ser uma "Mária vai com as outras"...!

Zezé (continuando a soluçar, mais baixo, mais sentido) — E' sempre isto! é sempre isto! Mas você devia estar lá para ouvir os commentarios, os risinhos, as perversidades que diziam á minha conta! E o esquisito papel que fiz! Uma mulher de cabellos compridos é olhada hoje, na sociedade elegante, como uma figura exotica, passadista, pedindo museu... toda a gente lhe fissa uns olhos que parece estarem dizendo: que tola! Que exhibicionista! Não corta para parecer original!

Totónio — O' pequena, pois não é melhor assim?

Zezé — Si você ouvisse o que diziam outro dia, no jardim, da Perolina! Que ella não corta o cabello porque tem medo de ficar parecendo homem, de ficar muito sem graça, do marido zangar e abandonal-a, de descontentar o pai . . . Homem, tanta cousa! e, de certo, de mim não hão de falar menos . . . E por ahí tudo, a esta hora, hão de suppor que eu tenha medo de ficar feia, ou, então, que você . . .

Totónio — (*fingindo-se, paternalmente zangado*) — Que digam! Pouco me importa! Si é verdade! Eu não quero, não consinto, não admitto, ouviu, semelhante disparate! Mulher de cabellos á *la garçonne* para mim não presta . . . E' da soleira para fora!

Zezé — O' Totónio! e a sua irman Dóra, que cortou ainda a semana passada? E a Genny, sua prima, mulher de Aveiro? E sua tia Carola, que até já não parece muito mocinha, e cortou tambem?

Totónio — Tenho eu nada com ellas? Tenho com o que é meu, com você somente! Corte o cabello o mundo inteiro, que você não ha de cortar! Acho isso uma ignominia! Torne-me eu o ultimo dos homens si algum dia minha mulher cortar o cabello, si lhe fizer semelhante concessão que considero um aviltamento.

Zezé — Si você soubesse . . . Você não anda no mundo, não frequenta quasi a sociedade, vive encurralado entre esses papeis, não é um homem do seu tempo, . . . Ah! si ouvisse a minima parte do que dizem das mulheres que não cortam o cabello . . . (*cai estatelada no sofá, suspirando*).

Totónio — (*entre curioso e afflicto*) — Que dizem? Vamos vêr o que dizem?

Zezé -- (*já animada, olhos brilhantes de esperança, um sorriso brejeiro a aflorar-lhe á face*) — Não vale a pena. . . . Você é um carrança, nunca se convencerá.

Totônio — (*supplice*) — Não faz mal. . . Diga.

Zezé — (*meio confidencial, voz terna, surdinando*) Dizem que as mulheres que não cortam o cabelo é porque os maridos delas são carrascos, ciumentos, não lhes dão liberdade alguma. . . E ha até quem diga que os maridos que não consentem o corte dos cabelos é porque usam prender as mulheres pelos mesmos. Veja que horror! . . E como cuompromette a gente!

Totônio — (*rindo-se*) — Ora, só isso? Bobagem! então só a moda dos cabelos cortados é que fez a independencia feminina? Oh!

Zezé — (*voltando a choramingar*) — E' sempre isso. Você leva a troçar tudo o que eu digo. . . Bem mostra que não me ama; que fingia apenas me querer! . . . Como as mulheres são faceis de illudir! Bem me diziam que o homem é o bicho mais fingido deste mundo. (*chora abertamente*).

Totônio — O' filha! (*procurando abraçal-a, é repellido, num gesto de amúo*) — Bem vê você que não é caso para tanto!

Zezé — Viver assim, mil vezes a morte! Depois quando uma pobre mulher faz uma loucura. . . ai! que doida! porque não queria bem ao marido! porque isso, porque aquillo! Não sabem o que soffremos!

Totônio — Peior. . Não venha "bancar" o tragico que não me agrada. . . Afinal, você quando casou commigo, sabia os meus "principios", não? Porque, então, quis esta "escravidão"?

Zezé — Você nunca me fallou que era contra a moda dos cabelos cortados! (*soluça, desesperada*).

Totônio — (*rindo*). — Nem podia falar, filha. . . Não havia ainda, graças a Deus, essa estúpida moda!

Zezé — Deixe estar. . . Não falo nunca mais nisso. Mas você se arrependará, Totônio. . . Você é um marido cruel. . . Não me tem, nunca me teve amor. . . Mas, ainda assim, eu lhe quero bem. . . Farei seu gosto, mesmo me desmerecendo no conceito de todas as minhas amigas. . . (*soluça alto*) de toda a sociedade. . . (*chora*) mas um dia, quando você me vir no caixão, branca, fria, de mãos cruzadas, morta de tanto soffrer, você terá pena desta infeliz (*chora desabaladamente*) mas. . . ficará. . . satisfeito, porque. . . eu. . . irei. . . para a sepultura. . . de cabelo comprido. . .

Totônio — (*já commovido, sentando-se e procurando chamal-a para ao pé de si*) — Oh! filhinha! Zezé! Mas o que isso? Você não vai agora morrer por uma cousa tão sem importancia! . . .

Zezé — Pois sim. . . sem importancia! E' o que lhe parece. . . Para nós tem toda importancia!

Totônio — (*vendo-a mais calma, toma-lhe as mãosinhas, num acariciar suave*) — Vamos meu bem, seja razoavel. Para que affligir o seu maridinho?

Zezé — E você, porque me contrariar em tudo?

Totônio — Mas, filha, parece que é este o unico ponto em que não estamos de accordo desde o nosso casamento, vai por dois annos. Em tudo mais. . . concordamos, porque eu acabo sempre cedendo, não é?

Zezé — (*sorrindo, a pôr-lhe o dedinho roseo como uma petala de rosa sobre a bocca*) — Mentiroso!

Totônio — (*já tambem mais sereno*) — Vá lá! Confesse que é assim! Lembra-se ainda do domingo passado? Eu estava cansado, meio grippado, mas você queria ir ao baile da Teresa e. . .

Zezé — Ora! Isso não tem importancia! Você foi, porque queria ser agradável ao Diniz!

Totônio — Mázinha que você é! Eu fui só para ser agradável á minha Zezé. . . (*sorriem*)

Zezé — Mas não é assim que deve proceder um maridinho correcto?

Totônio — (*lisongeado*) — E não tenho feito assim? não concordei com todos os seus caprichos até hoje? Lembra-se do caso do vestido *beige*? Do *pic-nic* da cervejaria, com os Tavares? Da. . .

Zezé — (*interrompendo-o, com um abraço*) — Basta. . . E tão bom é você que vai concordar tambem com o meu desejo de cortar o cabelo. . . Não?

Totônio — Ah! lá isso não. . . Ao menos uma vez é preciso que eu seja homem, o chefe da familia, e exerça o meu nobre e incontestavel poder marital!

Zezé — (*rindo-se, a bandeiras despregadas*) — Isso! isso! Sr. Major! Ora, dá-se, ora dá-se! . . . parece que o senhor pensa que eu sou um soldado sob o seu commando, na fileira! Ora! Ora! Ora!

Totônio — (*meio encabulado*) — Mas então eu não posso fazer valer a minha legitima auctoridade de esposo?

Zezé — (*já restituída á seriedade*) — Mas quando é que eu já lhe neguei nada? Quando é que eu me furtei a essa autoridade? Você tem todo o direito sobre mim, sobre meu corpo e minha alma. . . mas não sobre os meus cabellos!

Totônio — Você graceja, filha!

Zezé — Nunca! falo serio.

Totônio — Pois, tenha ou não direito, você excusa insistir neste ponto, que não admitto aqui a extravagante moda dos cabellos cortados. Mulher surá? que coisa mais ridicula! (*com ironia*) Parece até um homem de saia!

Zezé — (*revidando a ironia, no mesmo tom*) — E bonito é o homem que, prevalecendo de sua força, violenta uma pobre se-

nhora! Ah! si os homens soubessem quanto perdem com as suas fanfarronadas.

Totônio — *(muito serio)* — Mau! mudemos de conversa... Isto vai se azedando . . .

Zezé — Pois, olhe que eu não acho outro assumpto, ha de ser esse, só esse, até que você se disponha a ser um homem razoavel e cordato . . . *(Bate com o pé no soalho)*.

Totônio — Mais do que tenho sido!

Zezé — *(plantando-se em frente do marido, as mãos ambas na cintura, uma faixa de electricidade nos olhos)* Mais!

Totônio — *(quasi gritando)* — Não é possível!

Zezé — *(gritando)* — Veremos! Felizmente uma mulher, quando martyrizada, ainda tem um recurso na lei . . .

Totônio — *(ameaçador, encarando-a)* — Qual?

Zezé — O divorcio!

Totônio — *(recuperando o bom humor, repentinamente)* Ah! Ah! Ah! o divorcio! por causa de cabellos!?

Zezé — E que tem? *(muito seria)* A Mercedes me disse que as sevicias são causa do divorcio . . .

Totônio — *(num ar de espanto)* — As sevicias? Como? Que entende você por isso?

Zezé — Pois você não vive me seviciando, me infernando com este maldito negocio dos cabellos . . .

Totônio — *(rindo-se, a gostoso rir)* Ah! Ah! Ah! Sevicieia-a? Que bôa! Então não deixar a Senhora... — Ah! Ah! Ah! — cortar os cabellos — Ah! Ah! Ah! — é sevicia que dá motivo ao divorcio?

Zezé — *(esquentando-se)* — Caçôa agora! Eu sou mesma uma estúpida! uma lontra! Você devia ter-se casado mas era com a D. Julia Lopes, ouviu? *(com ironia)* Tão talentoso!

Totônio — Oh! filha! Não se zangue. . . Eu, é que achei muita graça . . .

Zezé — *(com um bico, querendo voltar-lhe o pranto)* De certo . . . Eu sou um palhacinho de circo, não?

Totônio — Nunca disse isso!

Zezé — Mas pensa, tem-me na conta. . .

Totônio — *(fazendo-a, meio á força, sentar-se ao seu lado, no sofá)* -- Vamos, minha *nêga*, deixemos de tolices. . . Você chegou da rua e nem trocou a roupa. Olhe, já passa de 41/2. E' preciso preparar para o jantar. Hoje é feriado e nós vamos ao jardim, não é?

Zezé — *(mais meiga)* — E você lembrou-se que é feriado, mas esqueceu-se de outra cousa. . . Que dia é hoje *para nós*. . . no *nosso* calendario *(aproximando-se, toda meiguice, com um sorriso intencional, pousa a cabeça no hombro do marido)*.

Totônio — Si não me lembrei! Mas esperava que você falasse..

Zezé — Malandro! (*dando-lhe um beijinho, furtivo*) Tres annos, não?

Totônio — (*num suspiro*) — Tres! Parece que foi hontem!

Zezé — E — coincidência, veja lá — ainda hoje estive com a Suzaninha...

Totônio — (*baboso*) — Sim... A Suzaninha... Bôa menina! Foi em casa della que nos vimos... E hoje faz tres annos!

Zezé (*toda risonha, concertando a gola do pyjama, cofiando o bigode do marido*) — Dia feliz!...

Totônio — Oh! muito, muitissimo feliz!...

Zezé — (*vai, num salto, ao espelho. Tira o chapeusinho e põe-se a passar as mãos de leve sobre os cabellos. Tira os grampos. Desfeito o penteado, cae-lhe o lindo cabelo castanho em ondas sobre os rosto e os ombros.*)

Totônio — (*segue-a com os olhos e a alma inteira. E numa exclamação incontida*):

— Que lindos os seus cabellos, Zezé! Castanhos, têm, ao sol, scintillações de ouro velho... E você tem coragem de privar-se delles! E' uma das suas bellezas!

Zezé — (*rindo para elle, toda lague, um abysmo a abrir-se nos olhos humidos e fundos*) — E' que você me ama só por causa dos cabellos...

Totônio — Ingrata! Não diga isso!

Zezé — sem elles...

Totônio — amaria da mesma fórma.

Zezé — Não creio!

Totônio — Juro.

Zezé — Só experimentando... (*sorri. Elle fica serio*) Quem não vê, não crê.

Totônio — Mas, filha...

Zezé — (*acariciante, toda ternura, quasi num arrulho*) Eu queria... experimentar...

Totônio — Mas para que, si você sabe?

Zezé — Não sei, não... Eu queria ter a certeza do seu amor... E é só esta prova que me deixaria satisfeita...

Totônio — Depois, amanhã, você estaria a pedir outra... e mais outra...

Zezé — Juro que não...

Totônio — Você tem jurado tantas vezes que é o ultimo capricho... E logo depois vem outro.

Zezé — E' sua Zezésinha que pede... No dia de hoje... O' Totônio! Que dia! Você lembra?

Totônio (*num extase recordativo*) — Si me lembro!

Zezé — E nega-me o que lhe peço?

Totônio — (sorri, silencioso).

Zezé — Não nega. . . Não tem coragem de negar. . .

Totônio — (continua a sorrir, ensaia um gesto vago de negativa, que não chega a fazer).

Zezé — Bomzinho que você é! Maridinho assim ainda não vi. . . Não póde haver. . . Não. . . (abraçando-o) Quanto sou feliz!

Totônio — (tentando reagir) — Mas eu não disse nada, filha . . .

Zezé — Não disse, mas eu li nos seus olhos . . . na sua alma . . . no seu coração . . . Quando que você vai negar, no dia de hoje, uma cousa tão simples á sua Zezé . . . zinha?

Totônio — (já quasi capitulando) — E si eu negasse?

Zezé — (com força e convicção quasi emphaticas) Não nega . . . tenho certeza.

Totônio — Você abusa por ser hoje o dia que é . . . e por eu ser o marido que sou . . . Ah! Zezé! Zezézinha

Zezé — (triumphante) — Sim? Vá lá . . . Diga . . . Sim, não é, não?

Totônio — (Num leve sorriso, acenando com a cabeça) Quem é que póde com Você, minha garotinha? Que Sansão resiste a uma Dalila destas?

Zezé — (a rir, num gosto, puxando o marido para si, e descansando-lhe a cabeça nos seus ombros) E, demais, que não se trata de cortar o cabelo de Sansão e sim de Dalila . . . E' muito mais facil! Olhe (já de pé voando pelo quarto, mais alegre e livre que uma borboleta) Basta de ler por hoje . . . Hoje é dia de festa, de prazer . . . Larga esse papel embolorado! Vamos embora! (num gesto brejeiro) Não ha tempo a perder, si é que ainda vamos ao jardim . . . Maria, ó Maria! . . .

— Uma voz de dentro dos bastidores: — Senhó . . . óra!

Zezé — Corre! Anda a chamar o Frederico, o cabelleiro da esquina, diz-lhe que Totônio manda dizer-lhe para vir já e já cortar o meu cabelo. . . A la garçonne, ouviu, à la garçonne é que o Totônio quer!

(Cai o panno, antes que, sob a thesoura implacavel de Frederico, caia a linda cabelleira castanha de Zezé)

José de Mesquita



Subsidios para o estudo de Dialectologia
EM MATO-GROSSO

VICIOS DE LINGUAGEM

Generalidades

O seculo XVII foi para o Brasil o que o seculo XVI foi para Portugal.

Os bandeirantes fazendo as suas entradas pelos sertões, em procura de pepitas de ouro, repetiam, nos reconcavos profundos das nossas florestas desconhecidas, a epopéa escripta pelos portuguezes na vastidão dos "mares nunca dantes navegados."

E desta lucta herculea e consciente do homem contra a natureza, resultou a expansão do territorio brasileiro até então adstricto ao littoral.

Da floresta gigantesca, aquelles *super-homens*, numa lucta variada, ora com a propria natureza revoltada, ora com o homem selvagem, faziam surgir, como tocados por varinhas magicas, florescentes povoados que eram logo depois cidades.

O conhecido combate do Rio das Mortes, entre portuguezes e paulistas, fez com que estes voltassem as suas vistas para Oeste e viessem desvendar aos olhos do mundo civilizado o territorio matogrossense.

O portuguez trazido para o Brasil no seculo XVI, na epoca em que a lingua começava a submeter-se á disciplina grammatical, era ainda ductil e não podia resistir a tantos embates por que passara na America portuguesa.

Na epoca do descobrimento de Mato-grosso, já havia pois a lingua portuguesa soffrido alguma differenciação dialectal e o seu lexico havia se enriquecido de novos termos que recebera das linguas aborigenes.

Os colonos portuguezes attonitos diante da riqueza exuberante das nossas florestas, onde encontravam, a cada passo, animaes e vegetaes desconhecidos, auxiliados a principio pela analogia, procuravam designar esses animaes e esses vegetaes pelos nomes existentes no seu lexico; assim *anta* foi o nome sidado ao nosso *tapir*; *chefe* ao nosso *murubixaba*, etc.

Com as relações que se estabeleceram depois entre os colonos e os aborígenes, foram aquelles aceitando os termos indígenas que se tornavam necessarios para a designação de novos objectos e grande numero de termos *Tupy-guarany* vieram enriquecer o lexico brasileiro, sendo que muitos desses vocabulos foram fazer parte do lexico português.

Confirmando a lei geral de philologia que regula o predominio da lingua mais culta, o português entrando em conflicto com as linguas existentes no Brasil, venceu-as facilmente, sahindo porém desse recontro, mais rico no seu lexico, mais suave, e mais harmonioso que o português fallado nas terras lusitanas.

E' sabido que a lingua como um organismo vivo, está sempre em movimento e que no seu continuo evoluer, soffre ella a acção de factores diversos que a vão modificando.

Representa ella a capacidade do aparelho de phonação do povo que a falla—palavras novas que entram para uma lingua são transformadas em outras de mais facil pronunciação, de accordo com a capacidade do aparelho vocalico do povo.

Tendo em vista estes factos de ordem geral, não seria pois de admirar que os bandeirantes paulistas trouxessem para Mato-Grosso uma lingua que não sendo a mesma de Portugal, entre tanto não se podia dizer que fosse um seu dialecto.

Nem podia deixar de ser assim, pois no proprio continente, ella, seguindo a sua evolução natural, se deluia em diversos dialectos.

Essa transformação que soffrem todas as linguas vivas, não se realiza porém, de um salto, brusca e rapidamente, ella se realiza de um modo lento e inapreciavel, pois se dá de individuo para individuo, sendo por vezes *infinitesimal* na expressão de Whitney.

Quando os bandeirantes descobriram o territorio matogrossense, não havia a lingua attingido ao gráo de desenvolvimento que hoje se observa; dahi o conservar o povo de Mato-Grosso, além dos modismos de dizer trazidos de outros Estados, no periodo colonial, uns resabios do velho português na sua linguagem. (1) E' commum ouvir-se:

Agardece(r) — em vez de —Agradecer
 Alugué(r) — " " " —Aluguel
 Anteado — " " " —Enteado
 Camera — " " " —Camara

1) Seja dito uma vez por todas que os modismos de dizer estudados neste pequeno trabalho, com excepção de um ou outro que se encontram entre gente culta, são encontrados nos dizeres da plebe.

Ametade — " " " —Metade
 Madurecê(r) — " " " —Amadurecer

Vê-se pelos exemplos acima que os matogrossenses, espiritos conservadores e inimigos de inovações, guardam nessas palavras a pronuncia quinhentista hoje inusitada.

NOTA— Elidimos o *r* da terminação em *aluguer*, *madurecer* e *agardecer*, porque o povo pronuncia essas palavras: *alugué*, *madurecê*, *agardecê*. Neste ponto diverge da pronuncia quinhentista a pronuncia actual, havendo mesmo tendencia para obliterar todas as prolações finaes—(*fazê*, *dizê*, *cantadô*, *falladô*, *animá* etc).

O grupo *ch* e *x* (com o valor de *ch*); pronunciam *tch* — *Coxipó* (*Cotchipó*)— *Encheu* (*Entcheu* (— *Peixe* (*Peitche* — *Faixa* (*Futxa*).

Essa pronuncia é usada ainda, pelos caipiras de S. Paulo e foi transplantada para o nosso Estado pelos bandeirantes que conservavam ainda os modos de pronuncia archaicos dos primitivos colonos portugueses.

NOTA— *X* com o valor de *ch* era estranho ao latim; nessa lingua tinha esse phonema e som duplice *cs*. Na passagem para o português a prepositiva do grupo *cs* cahia ou vocalizava-se e a subjunctiva adquiria o valor phonetico da palatal chiante *ch*. Igualmente a prepositiva do grupo *cs* antes do *e* e *i* em algumas palavras transformou em *x*—dahi—pisce—peixe, fascia—faixa.

A palatal *ge* tem o valor de *dgê*: gente (*dgente*), jogo (*djogo*), cajú (*cadjú*) etc.

Em S. Paulo, onde se observa essa pronuncia ainda em nossos dias, julgam alguns que seja devido á influencia da colonização italiana.

Não nos parece aceitavel essa opinião, porquanto a colonização italiana naquelle Estado é relativamente moderna. Como explicar então a existencia da mesma pronuncia em Mato-Grosso, onde tal influencia não se dá?

Não seria uma simples analogia com a pronuncia da palatal chiante *ch*?

Seria natural que colonos portugueses pronunciando *tchapéo*, *catchorro*, pronunciassem tambem *dgente*, *djogo* etc.

E' commum a permuta do *l* em *r* no grupo *pl*; *pranta*—por *planta*, *prano*—por *plano* etc.

Como os antecedentes, julgamos nos ter vindo este vicio por intermedio dos colonizadores paulistas que os herdaram dos portugueses.

Segundo J Leite Vasconcellos, encontra-se este vicio ainda no dialecto beirão de Castello Rodrigo, povoação vizinha á fronteira espanhola—*exprimicar, exempro*.

No vernaculo antigo acha-se *repricaro* em vez em *replicara*:

No figueiral figueiredo, figueiral entrey
Uma *repricara* : Infançon non sei.

O *l* muda-se em *r* tambem em *arma* (alma), *arto* (alto), *ardea* (aldea). Este vicio, que se observa nos Estados de Amazonas e Pará, suppõe José Verissimo que seja devido á influencia da lingua Tupy.

Pensamos porém com Vasconcellos, que seja um desenvolvimento do que se dá no Continente.

Este facto não se limita ao portuguez da America, mas se estende ao espanhol. E' interessante o que a respeito diz Cervo: " artura " " gorpe " habra etc. és communissimo en el hablar vulgar de algunmas comarcas de las Castilhas, y en Andalucia y Extremadura: es uno de los rasgos com que caracterisan el lenguaje compesino los dramaticos espanoles lo mismo Tirso que Juan del Encino, Torres Naharro y Lope Rueda, Iguualmente común es en la colombiana: apud. Othoniel Motta.

NOTA— O grupo *pl* primitivamente transmudou-se na palatal *ch*: *plantar* — *chantar*, mais tarde em *pr* — *placere* — *prazer*.

É devido á reacção erudita a conservação do *l* no portuguez moderno.

Dizem *Fasta, tá* fazendo apherese da syllaba *a* e *ts* -- (afasta, está) Na opera os " Encantos de Merilin " representada em Lisboa em 1741, conforme J. L. Vasconcellos, numa canção cantada por uma personagem já apparece o termo *fasta* :

Mas bella que num sei que
Num deixas de te alemvra
Porque eu deixa-me num hy
Ah! eh! *fasta* vragado.

Apud. L. Vasconcellos.

NOTA — Note-se a permuta de *b* por *v* em *alemvrrar* e *vragado*; . — Aqui encontramos vestigios dessa permuta na primeira pessoa do plural do indicativo do verbo *ir* (*bamo*) e no vocabulo verruga — (berruga)

As syllabas nasaes afonas finaes são elididas — *cantaro*— (cantaram), *viéro* (vieram), Estevo — (Estevam) etc.

Essa pronuncia tão commum entre os matogrossenses, existe ainda hoje em Portugal, — naturalmente trouxeram para o Brasil, os colonos portugueses.

No dialecto do Minho pronunciam: *bioge, home*, etc.

Deixam de molhar o grupo *lh* em *lhe*, — tal como em Portugal e mesmo em todo o Brasil — *Já le disse*.

Em corresponde a *ei* nasal — *ningueim, teim, beim*, etc.

No dialecto *Baião*, encontram-se exemplos de *le* (*lhe*) e *eim* (*em*):

Eu darei oiro por prata
Darei prata por latoum
A quem ma mim maiz estimar
Darei-le meu coraçaum
Tameim le dou o castigo
Se me faltar á rèzoum

Apud. L. Vasconcellos.

Gonçalves Vianna dá *ei* nasal como pronuncia de Alentejo e Algarve.

NOTA — Rézoum — o mesmo modo de pronuncia dos caipiras de Mato-Grosso.

O mesmo grupo *lh* tem o valor de *i* em: *muié* (mulher), *canaia* (canalha)

Lh correspondendo a *i* encontra-se também nos Estados de Amazonas e Pará.

Talvez desses Estados nos tenha vindo esse modo de pronunciar no periodo colonial, quando os aventureiros do norte do Brasil vieram a Mato-Grosso, attrahidos pelas noticias fabulosas das minas de Cuiabá.

A expressão *por amor de* (por causa de) dizem *pramóde*.

Adolpho Coelho cita no dialecto creolo de Santo Antão o termo *pramóde* (por amor de)

Fazem methatese em *dadiva* que pronunciam *davida*.

No vocabulario de palavras e modos de fallar do Minho e Beira de Raphael Bluteau, encontra-se o vocabulo *davida* (*dadida*).

Diphthongam a terminação *io* em *tio* (*tiu*) *rio* (*riu*), como em S. Paulo.

O diphtongo *ei* é pronunciado *ê* — *bichêra*, *companhêro*.

Deixam de pronunciar a consoante *d* nos participios presentes dos verbos: *ino* (*indo*) *sahino* (*sahindo*) *cantano* (*cantando*) etc.

Este vicio parece existir também entre os caipiras de S. Paulo. Numa cançoneta paulista encontramos:

" *Sahiu chorá, chorano*

Melá, *melano*

Que nem rapadura "

Expressão verbal usada também pelos nossos caipiras significando uma acção continuada :

Pramôde menina e moça

Que eu vivo *pená-penano*

A preposição *até* é pronunciada inté.

Dizem *réiva, teipa* em vez de *raiva taipa*.

Agglutinam o pronome ao seo verbo *rir* dizendo : eu serri, elle serriu etc.

Pronunciam — *córgo, chicra, cózca* por *corrego, chicara, co-cega*, como em todo o Brasil.

Os Livramentenses dizem — *Tónho, Tónha* por *Antonio — Antonia*.

Como se vê, é a continuação da lei phonetica que regulava a transformação do grupo *ni* seguido de vogal, em *nh* na passagem do latim para o português — *montania — montanha*

Dizem *nho, nha*, fazendo apheres e por *senhôr, senhora*.

A forma *nha*, apresenta a curiosa anomalia de ser empregada indifferentemente para ambos os generos : — *Nhá Tonho, Nha Jú, Nha Thê*, etc.

NOTA — Sinhô encontra-se em quasi todos os Estados do Brasil e significava *dono, proprietario*, corrupção de senhor.

O terma *sinhá* talvez seja de formação analogica com o feminino dos nomes terminados em *o*.

A forma *nho* encontra-se em Portugal, consoante o testemunho de Leite Vasconcellos.

Disparate — tem a significação de *muito*.

Disparate de gente (muita gente)

Na syntaxe, os erros commettidos pelos matogrossenses, são os mesmos que se commettem em todo o pais.

E' commum, mesmo entre as pessoas cultas, o emprego do pronome no caso recto, como objecto : *Vi elle — Encontrei elle em casa* etc.

Este vicio, julgam alguns que seria por influencia das expressões : *eu o vi e eu ouvi*

Pensamos porém, como o dr. J. Nogueira. que seja uma confusão com o regimen indirecto. O pronome da 3^a. pessoa póde ser regido de preposição, existindo a par da forma obliqua — entregou *lhe* o livro, a preposicional em que é licito empregar a forma directa — entregou o livro *a elle*. Parece ser esse o motivo por que muitos que não diriam *viu eu*, dizem *viu lle*. etc.

O uso das formas pronominaes directas pelas indirectas é frequente :

Deixá *elle* sahir- por deixa-o sahir.

Empregam-se as formas indirectas pelas directas nas expressões : Laranja para eu chupar, livro para eu ler, que dizem para *mim* chupar, para *mim* ler.

Usam-se simultaneamente duas fórmãs de tratamento em relação á mesma pessoa — Eu não *te* disse que *você* estava enganado ?

Um vicio que se encontra em todos os Estados do Brasil e que em Mato-Grosso raramente se observa, e isto só entre pessoas de mediana cultura, é o da falsa concordancia dos verbos *fazer* e *dar* em — Faz dois annos — deu duas horas, que em outros Estados dizem : *Fazem* dois annos, *deram* duas horas.

O povo geralmente diz : Faz dois annos, deu duas horas

O Estado de Mato-Grosso, separado dos seus irmãos do pais, devido á difficuldade de communicação, tem conservado como se vê, mais que qualquer outro Estado do Brasil, alguns com modificações, outros sem ellas, os mesmos modismos de dizer que recebera dos seus colonizadores.

A extensão do seu territorio, trazendo como consequencia a disseminação da população, crescendo ainda o pouco desenvolvimento da instrucção primaria no Estado, tem contribuido para a manutenção desses vicios que em S. Paulo, graças a intensa guerra movida ultimamente contra o analphabetismo, vão desaparecendo gradualmente.

Franklin C. da Silva



Fructo perdido

A Carlos D. Fernandes

Creio que em mim existe
Certa illusão de um Bem que eu não colhi...
Vi um fructo... e passei. Ficando triste,
Voltei para o apanhar... Não mais o vi.

E ficou em minh'alma arrependida
Uma anciedade que parece o Mar:
— Enchendo — ao envelhecer da minha vida —
— Vasando — para eu vêr o meu penar!

E eu te encontro e medito
No que perdi: — minha felicidade! —
Meu coração é a forma do infinito,
Cujos astros são feitos de saudade.

Fallei de ti a mim...
Alheio ao tempo... eu mesmo
Conversava commigo ao teu respeito...
« Porque eu te deixei ficar a êsmo?!
Porque eu te deixei, amôr, sosinho,
Como um'ave sem ninho,
Ou, então, bem parado no meu peito
Como uma vida que chegou ao fim!?»

.

Um sorriso piedoso accende e enflora
Os teus labios divinos de mulher...
Depois de tanto tempo?!... Agora
E' tarde para o bem que ainda te quer.

Sê hoje a Santa que eu venero... e veja
A ti — tal uma santa,
Que o mysticismo exalta e canta...
E o Estatuario imaginou — formosa —
Para o altar deslumbrante de uma egreja
Enfeitado de luz, enfeitado de rosa!



Hynverno, meu amôr! que frio faz!
 Que dôr incompreendida:
 Abandonar o mais ardente amôr,
 A unica paixão de toda a vida!
 Que frio faz!
 Só meus cantos te louvem...
 Nada mais!

Sejas a linda santa do altar,
 De olhos abertos sem enxergar...
 Que tem ouvidos, mas nada ouvem,
 E labios para nunca fallar...
 Sejas a Santa! Fica no altar!

E eu viva da illusão, bem illudido,
 Tal os crentes da imagem do esculptor,
 Crendo que ouves e attendes meu pedido...
 Se feito um peccador arrependido,
 Graça implorar-te para o meu amôr,
 Imita a imagem — fria e indifferente —
 Ao supplicar da minha adoração...
 — O artista não é Deus, é gente,
 Não sabe burilar um coração. —

Sejas assim: sem coração,
 Sem vida,
 Como as imagens são.
 E o nosso passado
 Para sempre relegado:
 — Uma lembrança que cahio da mão
 E no fundo do mar ficou perdida! —

Sejas assim! O amôr que julguei morto,
 E que vive — é galéra ao léo dos ventos
 Porque perdeu seu decantado porto!

Sejas a Santa —surda, e muda e cega...
 —Cega e muda ao bramir dos meus tormentos!
 Surda —ante os gritos meus contra a refréga!

Sejas a musa que eu vesti do encanto
 Das rendas finas dos meus versos feitos
 Da luz da lua diluida em pranto,
 A cujos pés se vão rojar meus preitos!

E eu creia na illusão d'aquelles crentes...
E serás minha Santa,
Que me dá céos resplendentes...
Minha fé seja tanta
Em ti, em teu poder,
Vendo em tudo um milagre...
A ponto de sinceramente crêr
Que eu bebo vinho -- se beber vinagre...

Sejas indifferente, fria e calma
Como um corpo sem alma...
Possa o meu sonho te fazer divina
E o verso possa te sanctificar...
O poeta é um sacerdote
Que entra nos céos quando se põe a orar!
Deus deu-lhe a sina
De soffrer, de penar!
Mas deu-lhe o dóte
De cantar!

Vaga em mundos astraes -- mundos ethereos,
Vistos pela intuição,
Que para os sabios são mysterios
Fóra de toda a explicação.

Vê entre a noite que se vae,
Forçada a ir...
Toda de preto -- espaço a fóra--,
E entre o sol perto de vir:
—O Palácete semi-illuminado
De marfim desbotado
Da Aurora! —

Já veio o hynverno para o nosso amôr!
(Nosso amôr é um sonho
Ou foi talvez um rito
Por mim creado em teu louvôr
Nas vidas que tivemos
E vivemos
Em outro mundo infinito...)
Que frio faz...
Que solidão atroz...
Não fui teu... nem foste minha!
Nada houve entre nós...!
—Passa voando a ultima andorinha...

Que frio faz!
Que anciedade...
Que afflicção!
Nada mais.
— Quem bate á porta do meu coração?
E' a saudade...

Saudade é moça doente,
Sem enfermeira,
Que se levanta e vem fazer o lume
Na lareira
Do coração da gente...

..... ,
Creio que em mim existe
Certa illusão de um Bem que eu não colhi...
Vi um fructo... e passei. Ficando triste,
Voltei para o apanhar... Não mais o vi.

• Octavio Cunha.



Os tropeiros do sertão

PARA O ARNALDO ADDOR

I

O notavel publicista patricio, Gustavo Barroso, na introduccão do seu livro *Ao som da viola*, que compendia um dos mais completos estudos folkloricos, divide a poesia sertaneja em dous grandes ramos distinctos: o repentista e o tradicional.

No primeiro, incluye os improvisos, as quadras oriundas dos desafios, quadras estas que fazem lembrar, a despeito da sua feição mais humilde, as "tensões" provençaes e as disputas dos foliões romanos"; no segundo faz agrupar todas as outras producções eza que o sertanejo tem guardado, tem perpetuado todos factos desenrolados no sertão, desde a época heroica das suas arrojadas entradas pelo seu interior", os primeiros perigos e as primeiras luctas, as festas religiosas e profanas, a vida dos vaqueiros, as proezas dos novilhos mcambeiros, das onças devastadoras dos rebanhos," etc.

Ramo muitissimo mais vasto e mais importante, este segundo, conforme affirma o festejado escriptor a cima citado, é nelle que se encerra a maior parte e a melhor porção do nosso folklore; é nelle que se vê esteriotypado os usos e os costumes do sertão; é nas producções nelle contidas, nesses agrestes cantares, que se desenha, que se retrata nitidamente a alma sertaneja.

O primeiro ramo, objecto da primeira parte deste trabalho, tão distanciado do outro pela sua extensão, não deixa de ter, entretanto, a sua importancia e de despertar a nossa attenção pelo valor inestimavel que dão de si os humildes mas intrepididos habitantes do sertão.

Valor inestimavel, digo bem, tendo em vista a rudez de seu espirito, ainda immerso nas trevas da primitividade, sem nunca haver recebido os influxos benéficos da instrucção.

Provém, necessariamente, dessa ausencia de instrucção esse estado de consciencia em que vivem as almas ingenuas do sertão, cujo cerebro abriga toda uma legião phantastica de lendas mysteriosas, de creanças exóticas transmittidas de geração em geração e perpetuadas nesses cantares que vêm atravessando galhardamente as edades, sem se perderem, entretanto, na tenebrosa noite dos tempos.

O sertanejo é um poeta, na accepção ampla do termo. Os seus versos, as suas modinhas, as suas endeixas, apesar das arestas grossas que apresentam os seus processos literarios rudimentares, como rudimentares são os seus processos empregados na lavoura, não deixam de ter a sua graça, o seu sabor peculiar. A ausencia do buril do artista, não diminue a sua belleza.

As poesias sertanejas são como as flôres que vicejam e perfumam essas paragens remotas. Os lyrios inebriantes do valle, as açucenas mimosas do deserto não têm menos graça nem menos perfume por não terem sido cuidados carinhosamente por mãos de jardineiro habil.

São flôres que, como disse o primoroso vate patricio,

“Ninguem a cultiva, ninguem a namora,
Ninguem colherá!
Só tem a caricia das brisas que a aurora,
Piedosa, lhe dá.”

A belleza da poesia sertaneja está em si propria, na sua essencia, na sua simplicidade primitiva.

O sertanejo, dedilhando a sua lyra amorosa, revela, não poucas vezes, inspiração, delicadeza de sentimento e força de expressão. Ha versos em que se encontra verdadeiro sabôr anacreontico.

Oiçamo-lo a cantar a beleza, a graça e a ternura das morenas faceiras e provocantes e a expandir-se em declarações amorosas:

Se vires a tarde triste
E o ar a querer chover
Diga que são os meus olhos
Que choram por não te ver.

*
**

Vancê diz que amor *num* dóe
Dóe dentro do coração
Queira bem e viva ausente
Veja lá se dóe ou não.

*
**

Minha morena é dengosa
Quando vem lá do roçado,
Cantando toda catita,
Com seu olhar azougado;
Pisando no capim verde,
Com seu pesinho mimoso,
E' tão dengosa a morena,
Que o capim fica cheiroso!

*
**

Capim verde da lagôa
Num dá flôr e nem semente,
Por causa desta morena
A gente fica doente.

*
**

Eu *num* gôsto do luar
Porque todo o mundo vê
Quando ponho as minhas vistas
Na carinha de *vancê*.

*
**

Vi o teu rasto na areia,
E puz-me a *considerá* :
Que encantos não tem teu corpo
Si teu *rasto* faz *chorá*.

Nas festas religiosas e profanas que fazem por ocasião do S. João, do Natal ou do padroeiro da povoação é que o estro sertanejo se expande, se manifesta em toda sua exuberancia. E', precisamente, nessas ocasiões que extravasam os seus sentimentos de bem e de mal querer.

E' de um espirito voluvel, desses que ainda não e-legeram definitivamente quem deva ser a companheira dos seus dias na solidão agreste do sertão a seguinte confissão :

Cigarrinho de *papé*
Fumo verde *n'um* fuméga
Onde tem moça bonita
Meu coração *num* *sucega*.

Um outro, vendo-se despresado pela morena que outr'ora lhe fazia gyrar mais apressado o sangue nas arterias, atira lhe com toda a serenidade este verso :

Eu tenho um lencinho branco,
Marrado nas quatro ponta;
Eu tenho meu amor novo
Do *vêio* num faço conta,

Com a mesma habilidade com que tece as suas quadras romanticas, apaixonadas, o sertanejo mostra-se tambem eximio satyrico. A sua ironia fére profundamente como os cardos dos cerrados.

Mais comum este genero nos desafios, surgem, entretanto, com frequencia, nas suas quadras isoladas, resaibos de critica, de chiste, como que as que damos de amostra :

Moça morena é quitute
Moça branca é canja fria
Quero a morena pr'a sempre
E a branca nem para um dia.

Mulheres ha para tudo:
Para o amor e para a faca,
Umas acabam no altar
Outras na ponta da faca.

* * *

Varzearia não é villa,
E tambem *num* é cidade;
E' somente uma chapada
Onde reina a *farsidade*

* * *

Dizem que a *muié* é *farsa*
farsa como *papé*
Mas quem vendeu Jesus Christo
Foi *home*, *num* foi *muié*

* * *

O negro é sempre mal visto pelos cantadores. A inferioridade da sua raça o faz constantemente alvo predilecto das suas chacotas, das suas ridicularias. E' chegar um negro na róda do folguedo, toma lógo pelas ventas versos como estes:

Negro não vae no céu
Nem que seja *Imperadô*
Tem cabelo *encarapinhado*
Que *arranhô* *Nosso Senhô*

* * *

O anum é passaro preto
Passaro de bico rombudo
Foi praga que Deus lhe deu
De todo negro ser beicudo.

* * *

Pepino maduro é que dá semente
Moça bonita é que mata a gente
Cabello de negro quando vê pente
Abre a cara arreganha o dente.

* * *

Interessantes são estes improvisos; mas os desafios prendem-nos mais a atenção. Neste genero é que o sertanejo mostra-se mais senhor de si; revela a sua habilidade, o seu saber, a sua presença de espirito, como se vê:

—Da palma nasce o palmito,
Do palmito nasce a palma;
Vem dizer-me agora em verso
Quem entrou no céu sem alma?

—Do palmito nasce a palma,
Da palma nasce o palmito:
Quem entrou no céu sem alma
Foi a cruz de Jesus Christo

—Vou fazer lhe uma pergunta
P' ra você me *destrinchá* :
Quero que me diga a conta
Dos peixes que tem *má*.

—Você vá *acercá* o *má*
Com moeda de vintem,
Que eu então lhe digo a conta
Dos peixes que nelle tem. .
Si você nunca *cercá*,
Nunca eu lhe digo tambem.

* * *

— Eu só cabra perigoso,
Quando *pégo* a *perigá* ;
Eu mato sem *fazê* sangue,
Engulo sem *mastigá*.

* * *

— Eu só cabra perigoso,
Quado *pégo* a *perigá* ;
Só *caboco* sem *catinga*
Se *quizé* vem me *cherá*.

Nessa disputa proseguem os sertanejos pela noite fóra, degenerando esses desafios, as mais das vezes, em grossa pancadaria. Não raro é vêr-se ao fim de certo tempo de folgança, surgirem provocações do jaez dessa ultima, ou mais firmes ainda como a que vae a seguir, dirigida a um toureiro poconeano por um collega cacerense:

— *Caboco* do Poconè
E' *caboco* *matadô* ;
Iscondido atraz do *tôco*,
Quando assusta, já *matô*,

Mas a resposta não se fez esperar:

— Verdade, *num* é mentira ;
Que eu *sou* *mêmo* *matadô*
Mato branco — faço crime ;
Mato negro — faço *frô*.

Naturalmente acanhado no trato com as pessoas estranhas ao seu meio, o sertanejo torna-se, entretanto, galhofeiro quando se diverte, procurando constantemente metter a ridiculo os citadinos que assistem aos seus folguedos:

— Estes moços da cidade,
De gravata e colarinho
Põe a mão no bolso d'elles
Não tira nem um cinquinho.

Encontrou, porem, o satyrico trovador, entre os do grupo da cidade, um espirito alegre, que, acceitando o desafio, toma da viola e enfrentando seu adversario, responde-lhe no diapasão sertanejo:

— Meu amigo cá do matto,
Que anda de calça e camisa,
Ponha a mão na consciencia
Diga lá quanto precisa.

As festas tradicionaes são celebradas no sertão com o resultado das esmolas tiradas por grupos de pessoas a que dão o nome de *folias*.

O chefe de cada folia é denominado *folião*. Percorrem estas folias, levando a bandeira do santo á frente, todos os sitios, povoações, freguesias e villas vizinhas, tirando esmola para o santo, cuja festa vae ser realizada.

A's vezes dá-se o encontro de duas folias, caso em que se tornam necessarios os cumprimentos.

Estes cumprimentos, ou são simples quadras de saudação e de agradecimento, ou é um desafio, como o seguinte, que presenciamos:

Encontrando duas bandeiras,
 Numa campanha sem fim,
 Eu quero que *vancê* diga :
 Em uma legua de terra,
 Quantos pés tem de capim ?

— Encontrando duas bandeiras,
 Duas bandeiras sinceras,
 Eu devo lhe *declará*:
 Eu ando *tiráno* esmolos,
 Não ando *medino* terras.

Tem-se encontrado, igualmente, entre as poesias sertanejas, specimens outros de versos que escapam á classificações estabelecidas pelos competentes no assumpto. São versos em branco, ás vezes exóticos, que Marinetti e seus epigonos não poriam, talvez, duvida, em subscreve-los.

Darei delles umas amostras :

Eu queria *sê* sereno
 Pr'a *cahi* naquela *frô*
 E' madrugada morena
 Quando vae amanheceno.

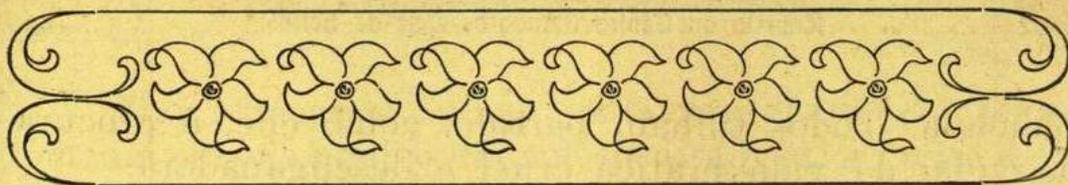
* * *

Cousa que eu *arrenego*
 E' moça feia *namorá* :
 Ella chega no meio da gente
 Começa a *oiá* de meu lado,
 Eu faço a cara *fechado*
 P'rella *num* *gostá* de mim.

* * *

Ai como padece um *fio aieio*, gente,
 Anda no mundo a *pená* ;
Imaginano seu pensamento
 Ora então,
 Que vida mais triste passa
 Quem tem amôr.

Jsac Póvoas



Pobre Amor

Flavio Nobre, depois que se formara, era a primeira vez que revia aquella grande Capital. Andara tres lustros clinicando na provincia, em sua villa natal. Voltava ao Rio para revê-lo, para viver, um pouco, a sua antiga vida de estudante, despreocupada e risonha. Era um desejo que ha longo tempo acalentava e que, passados quinze annos, realizava.

Quando a locomotiva, resfolegando, badalando, penetrou na Central, elle tocado por uma doce emoção, agitou-se. Olhou atravez da vidraça, avidamente. Notou que a vida era a mesma: os mesmos carregadores atropellando os viajantes, os mesmos reclamistas de hoteis.

Desembarcou. Na praça, a vida que conhecia: os mesmos vehiculos com as mesmas taboletas, com os mesmos empregados a procura de passageiros.

Era o seu Rio de outrora...

Uma suave alegria inundou-o por aquella manhã loira e gloriosa. Metteu-se num automovel e procurou um hotel, no centro. A' noite sahiu e entregou-se ás seducções da cidade tentacular.

Assim foram outros dias: percorria os cafés, os clubes, os cinemas e theatros. Mas quando voltava no seu quarto de hotel um grande tristeza o prostrava.

E' que naquelles logares amigos não encontrava mais os seus velhos collegas, os seus companheiros de

bohemia. Todos tinham partido, como elle, á procura da vida, da vida pratica cruel e desenganadora.

E, assim desarticulado, Flavio Nobre andou por entre a turba numerosa, só e interrogante, alguns dias.

Mesmo o rumor do carnaval que chegara não o demovia daquella ultima decepção. E os dias de loucura vieram. O carnaval enlouqueceu a metropole. O primeiro, o segundo dia, Flavio indifferente metteu-se no vortice daquelle turbilhão.

No terceiro dia, no epilogo daquelles dias delirantes, elle retornou á mesma vida para ver aquellas mesmas scenas turbulentas, para não sentir aquellas horas ocas e desinteressantes. Andou e quanto mais andava, mais perdia a esperança de encontrar um companheiro, uma feição amiga.

Percorreu todos os bars da Avenida; as ruas transbordadas de gente, via como se divertia aquella massa humana mordida pela tarantula do vicio e da brutalidade.

E, nesse deambular despreoccupado ficou até que a noite cahiu, Aborrecido, retornou ao seu hotel.

Subito, á sua frente surgiu um vulto de mulher.

Ella era loira, alta e estava de negro. Insistentemente, olhou-o. Flavio não se apercebeu desse gesto.

Então ella lançando-lhe um jacto de lança-perfume, inquiriu-o:

--Não me conheces mais!

Mais attento, mirou-a. Realmente, aquelles olhos miúdos, buliçosos, aquelles leves signaes de sarda no rosto, aquelles cabellos loiros, traziam-lhe uma vaga lembrança de um romance de sua mocidade academica. E, quando procurava voltar daquella surpresa, ella exclamou:

—Laly!

Sim, ali estava a sua antiga Laly, um grande amor da sua mocidade. Mas, o tempo,—demolidor supremo,—tornara-a mais gorda, menos interessante.

Mal trocaram umas palavras para combinarem um passeio noutro dia e despediram-se. A noite descia, celere como um tropel de uma calvagata barbara, toda povoada de estrondos de bombos e estridulos sibilos.

No seu quarto, Flavio Nobre recapitulou toda aquella quadra saudosa que á sua imaginação apparecia humida de uma doce melancolia. Sorriu scepticamente. Mocidade! Amores da mocidade! Como flueem, azues, sobre angustias e blandicias, querellas e pendão... E elle, lentamente, ia se envelhecendo.

No dia seguinte, Flavio foi á procura da sua companheira de passeio. Ella lá estava, no lugar indicado. Partiram. O automovel, silencioso, deslisou sob a caricia de uma tarde luminosa em cujo céu parecia esvoaçar o veu tenuissimo de um noivado desfeito. E quando, findo o passeio, foram para a *terrasse* do Lido, enfrente ao mar, Laly, com um leve tremor na voz, começou a desfiar ao seu companheiro a longa narrativa da sua vida.

Contou-lhe factos da sua mocidade extincta, do seu noivado, da sua vida matrimonial, do marido cruel que lhe deram, das necessidades que passava.

Flavio, estarecido, ouvia todo aquelle romance doloroso.

Intimamente, interrogava porque o destino fôra tão rude com aquella fragil creatura com quem trocara, em tempos idos, os mais altos sonhos de felicidade.

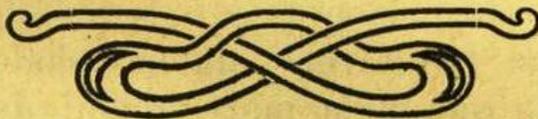
E no seu coração em que, horas antes, rugia o monstro da luxuria, sentio que se abria, lentamente, uma grande, velludosa flôr de compaixão por aquella mulher. Quando Laly terminou a sua narração, a tarde baixava com tonalidades de perolas e o mar, verde, era manso como o sorriso que Flavio tinha nos labios. Levantaram-se e, enquanto o carro corria para a cidade, Laly, melancolicamente, disse ao companheiro:

Vês? Estou velha...

E permaneceram mudos.

Quando Flavio se despedio da sua companheira, cahiu como um fardo no fundo do automovel e ordenou que tocasse, rapidamente, para o seu hotel, com medo que atraz de si viesse, ululante, chamando, perseguindo-o, o phantasma daquelle seu perdido amor.

Oscarino Ramos.



A GUERRA MUNDIAL

Guerra! Grita o clarim de quebrada em quebrada,
Se aprestam batalhões, aos ventos desfraldada
A bandeira sacode as dobras pelo espaço,
Ha na molle que avança o rebrilhar do aço
Das armas que se vão para a lucta cruenta;
Carretas a rodar; n'uma marcha suarenta
A besta humana vae a ruminar a gloria
«De gravar seu valor nas paginas da historia»
Agora pelo azuleo espaço que se estende
A esquadilha da morte a sua rota emprehende
A marchar para alem suas helices girando
N'um rumor que almas vae na dôr petrificando
E vae assim em marcha, em marcha para a frente,
Numa ancia de matar, cruel, surprehendente.
Chegam alem por fim á margem da fronteira
Anceiam contemplar os rios da sangueiral
Assestam-se os canhões em fileiras sem par
Que em pouco hão de se ouvir pelo espaço echoar!
Fica a cidade. Além sobre os tectos dardejам
Do sól raios da luz, sobre os campos verdejam
Plantações a sorrir, lorangeiras em flôr,
E sente-se uma paz, uma onda de amor
Nos lares onde a vida em hausto de prazer
Trabalha para o pão, na gloria de viver.
Mas eis que pelo azul uma granada passa
O symbolo do mal, o emblema da desgraça,
Outras seguem-se então e vão cahir rugindo
Nos lares onde estão creancinhas dormindo
Que inda a pouco sugavam a brancura de um seio
O leite maternal que alimental-as veio.
E continúa assim muitas horas a fio
A matança sem fim em defeza do brio
Da patria que soffreu um ataque, uma afronta
E que mata a sorrir innocentes sem conta!
Uma escola era alli: sobre os bancos, creanças
Aprendiam a lêr, da patria as esperanças,
Do trabalho e da paz que almejavam n'um dia
Para a terra dos seus que bem forte seria.

.....

Acolá sob a cruz de braços alvacentos
 Havia um hospital, onde magoas, lamentos
 Encontravam conforto, e lenitivo as dores,
 Na grande fé de Deus em vivos resplendores.
 Acolhia a tratar com suave caridade
 Sem distincção de côr ou nacionalidade.

.....

Ali era a colheita, era o campo coberto
 De fructos a cahir, onde o aldeão desperto
 Buscava para os seus alimento e conforto,
 E olhava o que ali fez na alegria absorto,
 Não julgando talvez, talvez nunca sentisse,
 Que não teria o pão para a triste velhice.
 Mas a guerra assim quer, fazer a pontaria,
 Matar mais que puder é uma grande honraria,
 Se a granada acertar e sacudir nos ares
 Membros nús a sangrar, si ao derrubar os lares
 O pavor se estender na cidade indefesa,
 O heróe que assim fizer procedeu com firmeza
 E terá saudações pelo brilhante feito
 E uma medalha qualquer pendurada no peito!
 Se não chegam porém os canhões apontados,
 Dos fôssos surgirão homens escravizados
 Pela lei marcial que nas hostes impera
 Mandando-os fusilar se foge a sorte fera,
 Se não chegam do fôssos as armas assassinas,
 O vento açoitará venenosas cortinas
 De gazes que farão "*com indomita bravura*"
 A cegueira cruel e a tremenda loucura.
 De cima o matador encouraçado no aço,
 E na altura em que está, jogará pelo espaço,
 Num rasgo de *valor* que grandezas encerra,
 Bombas que matarão quando explodir em terra
 A quem não pode ter a defeza precisa,
 Que aquelle que matou nem sequer se divisa!
 E a gloria é sempre assim nas victorias guerreiras,
 Morte pairando no ar, morte pelas trincheiras!

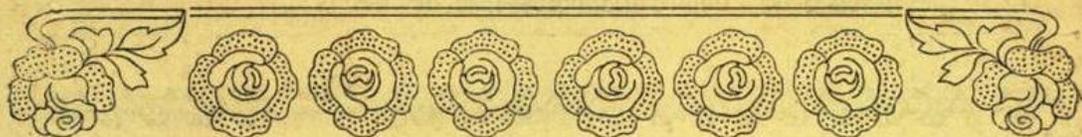
.....

Mas a furia passou, sobre campos talados,
 Emmudeceu n'um dia o rodar dos arados

Que a terra revolvía, e o canto que acompanha
Do camponez que a rir os seus campos amanha
Cessou de vez tambem, em montão de ruina
A cidade ficou e a tremenda chacina
Derramou lucto igual sobre as nações em lucta.
Sobre o campo encharcado em sangue inda se escuta
O grito, a imprecação dos pobres mutilados,
Inimigos que são, na dôr hoje irmanados.
Do cerebro em formação que na escola aprendia
Ficou uma visão que as carnes arrepiã,
Onde a luz do saber dava fructos maduros
A treva succedeu, hoje só restam muros.
Do vetusto hospital toda a estructura ardendo
Augmenta o soffrimento aos que estão lá soffrendo,
Sem que possam fugir ao troar das granadas,
Sentindo-se morrer com as carnes torturadas
Na chamma que ateou uma bomba incendiaria,
Que sacudio talvez um mercenario ou pária.
Do verde laranjal em que as flores se abriam
Para o alto a sorrir, onde galhos se erguiam
Esparsos hoje estão sobre a terra quebrados
Sem um fructo sequer, os troncos arrancados,
E uma desolação desce negra, sombria,
Gloria para os heróes da cruel selvageria!
Depois hosannas mil áquelles que tombaram
Que antes de succumbir outros tantos mataram,
E o que resta depois da torva estupidez?
Orphãos sem terem pão a miseria, a viuvez!
A cegueira, a mudez, milhões de mutilados
A estender-vos a mão de homens necessitados.
Nos lares onde o amor imperava, a alegria
Falta o riso de um pae á filha que crescia;
Donzellas a levar o encanto nos olhares:
A fome as sacudio nos torvos lupanares!
Jovens viram morrer da mocidade o encanto
Hoje causam terror ou quando não espanto
E todo sentimento bom que a alma illumina
No odio se transformou, que mata, que assassina.
E a gloria é sempre assim nas victorias guerreiras:
Morte vinda do ar, morte alem das trincheiras

Corumbá, 9/1/929.

Henrique Soido



O Curúrú

Allusão e Côro

ÁS "FESTAS POPULARES"

Inserta nas paginas 75 á 79, da Revista do "Centro Matogrossense de Letras", numero XVII de Janeiro a Junho d'este anno, pela habil penna do illustre e presado confrade e conterraneo snr. Antonio Fernandes de Souza.

COM a devida vénia do referido e acatado auctor da supra-citada descripção, pretendo fazer "côro", á sua graciosa narrativa, mesmo com a minha incompetencia; porem, sobre a parte exclusiva e referente ao classico "curúrú". Porque naquelle conto, eu como cuiabano, encontrei um não sei o que, tão commovente, que me invadira as visceras da velha memoria, despertando-me uma terna e indescriptivel saudade d'aquelles tempos idos e d'aquellas scenas genuinas, com os singulares episódios tão bem reproduzidos pela reconhecida competencia do confrade que as narrou com pericia. Ao lêr aquelles trechos, retornei a visão aprazivel ao preterito da minha infancia, em Cuyabá; e, revolvendo as reminiscencias daquelles tempos com seus folguedos singelos e intimos que assisti sempre quando menino, nas festas de Santo Antonio, São João e São Pedro, nas immediações do "Santo Antonio do Rio-abaixo", onde nasci. Tambem por occasião dos festejos d'esses Santos, eram feitas as fogueiras, para as diversões já citadas pelo snr. A. Fernandes de Souza; e, cujas rudes illuminações, mais se salientavam, nas noites escuras, porque n'ellas se extendiam até a beira do rio, onde deitavam as taes "luminárias" que eram feitas com laranjas azedas, que por terem a casca mais grossa. Partiam-n'as pelo meio, tirando-lhes os miolos que em cada metade, em fórmula de concha, enchiam de azeite de peixe, com um pavio de algodão e que accendiam e largavam á tona d'agua, umas centenas, a descerem rio abaixo.

Como era bonito aquillo! Quiz então, lembrar-me d'alguns casos dos taes cururueiros que improvisavam versos, ao som da "viola de pinho", vulgarmente chamadas, porque as que compravam de mascates em barcos de vela, ou zinga, eram feitas de pinho, vindas quiçá do estrangeiro. Mas no entanto, dessas compradas, quando se acabavam, eram feitas outras, pelos proprios cantadores; mas, de uma só peça dos troncos dos sarans das margens do rio e com iguaes caprichos das outras compradas. Estas que faziam, eram colladas com o succo de "sumaré", a taboa delgada de cima, a frente, ou frontespicio, onde eram encordoadas desde a prima até o bordão, com tripas de macaco, bogio, ou ouriço, que caçavam para isso, nas luas mingoantes. Havia tambem outro instrumento simples e aliás exquisito, bem conhecido pelo nome "caracaxá", talvez oriundo do seu proprio som meio rouco, por ser feito de um gomo comprido de taquara, todo rodeado de cinturinhas e aneisinhos, distanciados em menos de meia pollegada, formados pelos piques que davam a proposito; e sobre os quaes, corriam uma tala de madeira, mais ou menos em formato de uma palhêta, que elles manejavam com a precisa destreza, afim de acompanhar somente o compasso da toada.

Outro instrumento typico, era o "adufe" da fôrma quasi de um tambor, ou pandeiro; o mesmo que ainda uzam n'alguns Estados do Norte, com a differença que os de lá, são feitos em formato quadrado, de quatro taboas pregadas e forradas de couro-crú em ambos os topos. Ao passo que os daqui, (da minha allusão), são feitos redondos de uma só tála de jenipapo por ser flexivel; de modo que envergada a tála, formava-se o circulo, ou rodela, semelhante aos "xinxos" (fôrmas de queijos); e, forrado de um só lado, igualmente de couro-crú, porem de taman-duás e não couro de rezes; e, sendo mais achatado que o tambor e menor que o "xinxo". E de distancia em distancia, de tres a quatro pollegadas, eram presas rodelinhas de cobre ou lata, como guizos, ou chocalhos, e tinirem seus sons semi-metálicos, como parte integrante do mesmo instrumento; que, seguro pela mão-esquerda do dansante-cantador, passava elle, a ponta do pollegar de sua destra, rijamente sobre o couro retezado e batia depois no centro, os murros necessarios para o acompanhamento cadencioso, e servindo de compasso rythmico, ás suas toadas em cantorias. Assim formavam circulo de quatro a mais, ora feixando a róda, ora dilatando-a; porem todos gyrando para o mesmo lado um apóz outro, com seus sapateados, no mesmo tom, conforme descreveu o snr. Fernandes de Souza.

E n'esse diapazão, formavam seus versos, sempre dispersos em quartetos (quadras) metrificadas em sete syllabas (redondilhas),

Faziam tambem seus mottes e glosas.

Comquanto na maioria fossem analphabetos e usassem de phrases chúlas e exquisitas, não deixavam de patentear serem eximios na arte da poesia, com chistes de improviso!

Ora versejavam religiosamente em louvor ao Santo festejado; ora em saudações ao festeiro, ou a um amigo, ou senhora de destaque.

A's poesias d'este jaez, intitulavam com muito acerto de: — Lôa —. E outras vezes, eram satyras das mais extravagantes e admiraveis pela argucia! Estas, eram as que mais eu applaudia e das quaes, como já eu acima disse, quiz me lembrar com precisão, de certos episodios de lôa, ou chalaças engraçadas e completas. Mas não pude encontrar na "gaveta da memoria" nem sequer um só specimen, por entre o montão de rebotalhos que acumulei com pretensões de um dia, selleccionar algo mais prestavel.

Posto que agora, ao emprehender esta tarefa para offerecer um "côro", aindaque, com todas as tentativas dos meus espontaneos esforços, deparo apenas com alguns vagos trechos, desordenados; outros em tintas apagadas e illegiveis; outros rendilhados pelos carcomas; etc. Inutil reputei os meus anhelantes esforços e projectos, para descobrir uma d'essas prendas preciosas, para a exhibição do meu presupposto tentame de um "côro" á descripção das já referidas "FESTAS POPULARES"

A ENTIDADE MYSTERIOSA:

A "*Fadinha*" . . . a "*Virgem-loura*" . . . ou a "*Musa*"

Suggerio-me então a lembrança muito adequada e analoga ao caso vertente e em apologia ao que li num livro scientifico da empreza edictora "O Pensamento", de S. Paulo, cujo titulo e nome do auctor, não me recordo agora; mas sei que é da lavra de um celebre escriptor do Circulo Esoterico da Communhão do Pensamento. Pois tratando profusamente da psicologia, embrenha-se o auctor, para o labyrintho das maravilhas e mysterios das nossas faculdades mentaes e da urna, ou cofre fiel, onde depositamos as scenas com os mais minuciosos detalhes e em seus respectivos lugares, em forma de clichés, ou estereotypia das occurrencias que presenciámos e que nos despertaram curiosidade por qualquer notoria circumstancia. E que em certas e determinadas occasiões, precisamos e pretendemos relembral-as e se nos esquivam abruptamente da lembrança (memoria); embora as tenhamos archivadas em mente, que é a tal urna, ou cofre. Mas que n'este caso, recorreremos a nossa "consciencia-interna", onde certamente reside uma "entidade", á quem appellamos, ou mes-

mo ordenamos. como se fôra ella, uma nossa auxiliar immediata, que de ante-mão recebera para cuidar, aquelles objectos de nossa particular estima; e queremos agora, que a nossa adjunta, os descubra no montão d'esse velho alfarrabio historico, na cachola armazenado. Conforme essas admiraveis e fieis expressões comparativas do talentoso escriptor e que, succintamente as citei; tenho por vezes, já observado com as minhas proprias experiencias de investigador, que, em circumstancias identicas, depois de haver incumbido com confiança, taes mistéres á tal "entidade-mysteriosa" do meu cérebro, vou dormir tranquillo. Eis que, ao despertar-me, primeiro que, tudo, deparo com esses objectos perdidos, anhelados, procurados e recommendados á dicta minha servente submissa; sim já os encontro ao alcance da minha lembrança! Seria fastidioso, mencionar agora, os tantos exemplos que venho sempre colligindo. Em semelhante processo, essa entidade que recebera em humilde silencio, essas determinantes ordens e as executou com fidelidade e presteza, no sentido de uma rigorosa busca, n,esse "gavetão" confuso de tantos traçalhos de reliquias archivadas; e ella sem duvida, uma servente gratuita e solícita, ás nossas disposições.

E á essa "entidade", o supra-citado auctor approveu denominar; "FADINHA".

Pois bem, essa illusoria, real ou deidade, que talvez o meu caro leitor, a julgue irmã gêmea da "Virgem loura" de Casemiro d'Abreu ou quem quer que seja, a repete irmã natural da "Musa", tenha emfim ella, o epitheto que a quizerem brindar com o mais lisongeiro e ataviado termo; mas na verdade affirmo ser ella mesma, quem descobrira na sua infatigavel e profiqua locubração, para entregar e esta penna, que mesmo velha e enferrujada, ousa traçar com a sua indole galhofeira, os tres contos dos nossos trovadores em "cururú". O primeiro, é uma "lôa" ás moças cuyabanas. O segundo uma narrativa de aventuras amorosas. E o terceiro finalmente um dialogo provocado por um velhinho barbado; replicado por um joven imberbe e ainda treplicado. pelo ancião e assim ambos proseguindo as suas jocosas porfias,

O desfecho não assisti, porque receioso de attingir-me alguma lasca, das violas já partidas, afastei-me d'alli para perto de outra roda onde cantavam e dansavam o tal "taiamás" e o "siriry" em cujos folguedos, tomavam parte homens e mulheres.

"CORO"

LOA ÁS MOÇAS CUIABANAS

Quem quizer folgar amores
Vá morar em Cuyabá,

Onde as moças nos seduzem
Com cigarro e guaraná.

Aos domingos, lá na missa,
E' convite ao chá de matte,
Espantado é quem aceita . . .
Porque vem um chocolate !

As moças servir-nos vêm,
De broinha, ou pão-de-ló ;
Mas a sobra ellas nos põem
Nos bolsos do paletó.

Uma d'ellas muito meiga,
Nôs convida com bondade.
P'ra fazermos um passeio,
Pelo centro da cidade ;

E nos marca a quinta-feira
A' leval-a p'ra o jardim,
E a geitosa alli nos brinda
C'um botão de bogarim.

Outra, á noite, nos intima,
Para entrarmos na palestra;
A'o piano ja se pincha
E executa a bella orchestra !

Muitas vezes repizada
Pela flauta e violão,
Por algum jovem que sabe
Musicar lá no salão.

Entornando então de gôsto,
Uma d'ellas, vem e canta.
Mais sonora que a sereia
Que a seus ouvintes encanta !

Ja um sonso, se embasbaca,
Sem saber a quem amar ;
Porque todas são formosas
Têm quindins de fascinar ! . . .

O estado celibatario,
De tal modo se enraiza ;
Pois jogar ninguem se atreve
A cartada que é indecisa . . .

Passa o tempo e se evapóra
Deixa á gente, a indecizão :
Sem saber á quem offereça
Seu pulsar de coração !

E tambem algumas dellas,
Vão ficando assim . . . — Titias — . . .
Coitadinhas . . . solteironas . . .
Sem marido em taes porfias ! . . .

A' não ser algum bisonho
Que somente conheceu,
A primeira que encontrou
E por ella . . . endoideceu ! . . .

Do contrario, é como digo;
Sem perigar a verdade :
Que na escolha, se embatuca
Quem se embrenha na cidade !

Quem com com ellas, já se atulha
E os olhos quizer vender,
P'ra brincar de "cabra-cega";
Sem susto, póde agarrar . . .

Quer na turba dos magnatas,
Ou na caterva pobreza,
Se topam "cortes de noivas"
De virtude e de belleza !

Quem quizer folgar amores,
Vá morar em Cuyabá,
Onde as moças nos seduzem
Com cigarros e guaraná.

AVENTURAS AMOROSAS

Meus senhores que aqui estão,
Uma historia vou contar :
Peço que mecês me digam,
Se assim tenho, ou não razão :

Namorei uma sujeita,
Seis annos e mais um dia,
Afoito p'ra descobrir
Se a Fulana me fingia . . .

Quando lhe piscava os olhos
Indicando qualquer cousa,
De pressa correspondia
A fogueta mariposa ! . . .

Cigarros e presentinhos
Era com que me illudia,
Eu então ficava crente
Que essa "diaba" me quéria.

Muito tempo assim passei
Sem saber da decisão :
Pois no cabo ella já tinha
Um bandalho na tenção ! . . .

Sem me dar satisfação
Foi tractar do casamento
C'um lacaio desgraçado
Que eu já tinha em juramento !

Mas depois do casamento.
Quando fôram pr'a dormir . . .
Eu segui quetinho atraz
E a palavra fui cumprir . . .

Accordei-a com chicote,
Seu marido a bordoadas ! . . .
Dando n' elles a licção,
Pelos logros e massadas ! . . .

A PORFIA

— Meus senhores d' esta roda,
— Não reparem meu dizer :
— Um homem que não tem barba
— Que vergonha póde ter ? —

“ Se a barba conduz vergonha,
Como acabo de saber ;
“ Então o bode e o bogio,
“ Têm vergonha p'ra vender”,

— Quando ouvi tua resposta,
— Aceitando a carapuça,
— Logo vi que era pellada,
— Toda inteira, a tua fuça. —

“ Pois para ter vergonha,
 “ Não basta que se rebuça
 “ Um focinho com cabellos,
 “ Como tu, c’o a barba-ruça ! ”

— Ora pois que desafôro ! . . .
 — Cala a bocca oh ! Pelladinho !
 — Que aqui mesmo co’a viola,
 — Vou te quebrar o focinho ! . . .

“ Então venha, mal-creado !
 “ Com o teu “ coxo ” de pinho,
 Que aqui tenho o “ caracaxá ”
 “ P’ra surrar um barbudinho ! . . .

NOTAS:

Convem lembrar e ter mesmo conhecimento que certos vocabulos, dictos e phrases que aqui são empregados n’estes versos populares, talvez a primeira vista, pareçam com inanes apparencias da inapropriadas e sem sentido ou coherencia; mas não o são, porque alem de terem o cunho da etymologia e de uma adaptação lógica, eram de uso e costume do povo d’aquella região e n’aquelles tempos, ha mais de quarenta annos.

Vejam os pois alguns termos e phrases: «Folgar amores. — Espantado é quem acceita, — Ao piano ja se pincha. — Orchestra repisada de flauta e violão. — Musicar no salão. — Externando o gosto. — Um sonso s’embasbaca. — Tem quindins de fascinar. — Sem perigar a verdade. — Na escolha se embatuca — Quem com ellas ja se atulha. — Na turba dos magnatas. — Na caterva pobreza. — Se tó pam *córtes* de noivas. — Afeita p’ra descobrir. — Se a fulana me fingia. — Fogueta mariposa. — Pois no cabo ella já tinha. — Um bandalho na tenção.» — Emfim muitas outras phrases.

Miranda

José Bonifácio de Albuquerque





RAYMUNDINHO

Estrada real, caminho do antigo arraial da "Conceição do Alto Paraguay."

Levantamos a pousada do sitio "Forquilha" pelo meio dia, pois, "Fortaleza" uma das bestas que cavalgavamos, passarinheira e vezeira em arribações, embiocara n'um bamburral intrincado no meio de velha e sombria capoeira, onde a custo descobrira-a a argucia de atilado tropeiro.

Aquella hora meridiana, a terra em adustão reverberava em diaphaneidades mysticas e o passo tardo das montadas, compellia-nos a um somno incommodo e opprimente.

Quebrando a monotonia da viagem, sem vexames, tagarelava o guia da comitiva, velho cafuso, simples e bom, conhecedor pratico dos sertões nortistas.

— "Apois meu patrão, eu lhe conto como me assucedeu esta cafifa inquizilante de estupôr na minha perna."

Desde rapagotinho ansim já eu era decidido e afoito mesmo pr'essas lutas de derrubadas no campo', — dizia-me o Raymundo, descahido sobre o estribo direito em attitude dolente sobre o lombilho um pouco atrasado no dorso da "Sereia", besta pêlo-de rato, forçada a amaciar o trote ao peso do cavalleiro.

O sol principiava a declinar do seu zenith e a areia do caminho tinha fulguracões scintilantes de diamantes.

Os animaes que cavalgavamos, caminhavam compassadamente, arquejantes ás subidas dos morrotes por onde a trilha das tropas viajeiras ascendia em leve acclive.

Raras aves, arredias, mettiam-se em vôos rastejantes pelas copas frondosas das arvores, acautelando-se contra a canicula abrasadora e inclemente!

De raro se descortinava por entre a vegetação a paysagem campestre ao longe, ensombrada por nuvens de fumo expesso na falda da cadeira azulada.

«O patrão Velho, continuava o Raymundo — tinha como encarregado da fazenda o Seo Manoel Cherubino, caboclo destimido pr'a tudo.

Seo Manoel Fazendeiro, como era mais conhecido, era pae de tres gracinhas e uma dessas tentaçõesinhas, a Lucina, com sua licença, me enfeitava no bamboleio do seu corpo.

Uma tarde, era pelo mez de maio, a campina já amarellada e florescida seccava, e o gado principiava a ficar peludo como carneiro. O patrão Velho, receiando os bernês, porque as "biruanhas", assanhadas aquelle tempo perseguia os animaes, ordenou a Seo Manoel que reunisse a rapaziada pr'a subir o gado pr'o chapadão das "Sete Lagoas".

Na manada do "Boi-Rabicho", tinha um marruá famanz, alongado do "Callunga" e que nunca tinha varado a baixada do "Tarumá", aquelle "sapesá" do largão que Vuncê conhece.

De vesprinha, eu mesmo fui até o "Maria Paz", arredondar a tropa que já estava andeja.

Cavalhada bôa!

No dia seguinte diamanhansinha, partimos, ainda com o frescôr da manhã para o campo.

Eramos uma rapaziada turuna, uns quinze mais ou menos, e tudo bem amuntado, apois, tiramos a flôr da tropa pr'aquelle serviço de despedida. »

— Aproximamos do "Paratudel", ribeirão cujas aguas principiavam a empoçar naquella quadra do estio sertanejo.

Na passagem da reúna havia ainda bôa aguada e os nossos animaes se foram mettendo pello corrego a dentro, desalterando-se ávidamente.

O Raymundo desatou do passador da cabeceira da sella o "guampo", mergulhou-o n'agua duas vezes e retirando-o cheio, offertou-me delicadamente.

O chão em deredor ensombrado fartamete exhalava agridoce aroma trescalando humidade.

Os animaes rarefeitos retomaram o caminho, mais animados. —

« Mas, como lhe ia dizendo agorinha, eu levava a vara do ferrão, acinho de umas tres pollegadas bôas.

Na entrada da varzea do "Padre Lopes" demos o rodeio no gado.

Carreirão marvado. O gado espirrou pelo matto a dentro indo desenbocar na "Lagoa dos Patos", naquella miudeza de varzea onde vuncê arriou o "macoan". vuncê s'alembra!..

Os cavallo aquachados como estavam, arfavam que só vesse!

E o sol que ja ia ansim — e espalmou obliquamente a dextra callosa em direção ao nascente — esquentava um calorão bravo

Depois d'uma paradinha, o Seo Manoel aboiou bonito mesmo na cabeceira da vaquejada.

Ah! meu tempo! — E o Raymundo enlevado pela lembrança evocativa do passado endireitou-se no arreio, soltou a rédea ao animal, retirou do "matiry" um lanho de fumo e o foi migando com a franqueira sobre a palma da mão, banzativo e silencioso, abalando o corpo ao trote lerdo do animal pela estrada secca e poeirenta.

Os estrupidos dos passos das nossas cavalgadas na marcha atiravam pedregulhos sobre as folhas seccas ás bordas da estrada, afugentando precipites as lagartixas assustadas.

Desde a descida da "Borrocada" o gado endemoninhou, mas era o celebre marruá o cabeça dos redemunhos. A mode que o tinioso tinha alguma patrãha com aquelle bezerrote.

Defrontando o largo da porteira do apartador, o gado começou a sentar, obrigando o aperto do contra-pé.

E' que o pessoal todo do sitio se achava na cerca aguardando a vaquejada.

Gritaria dos infernos!

O gado todo obedeceu ao costeio menos o "jaguané" alongado que estácou bem em frente á porteira, dançando nos quartos, fisgando" enfesado ora pr'um, ora pr'outro dos vaqueiros.

Do tutiço delle o sangue pingava como um chafariz, por causa duma violenta ferroadada que lhe dei no refugio da porteira.

Recolhido o gado, vae o patrão e grita: — Seo Manoel, esse garrano não entra inteiro no curral e nem não volta tambem pr' o campo.

Vamos pessoal! Encordôe o bicho.

O marruá não dava tempo de encostar de violento que era.

Entonces, Seo Manoel usou de uma tactica. Passou galopando quasi na cara do garrote. O marvado, enfesado, enrribichou no cavalleiro enquanto o finado "Balla", — éh! vaqueiro de ponta de dedo — chegou a chileno no "Malagueta" e encordoou os guampos do marruá — por Deus do céu! pegando sem nenhuma orelha.

Ahi é que foi um Deus nos accuça, pr'a dar com elle em terra: mais de tres laços, da quelles trançado de cinco, estralaram em mais de dois pedaços.

Mas, o diacho do sujungado!

E seo Manoel praticou serviço emquanto eu cheguei nos chifres do touro o serrote, serrando até o cérne donde o sangue espirrou longe.

Antes de findar a obra o patrão velho gritou da cerca do curral. Olé! Raymundinho, não me desminta a fama! Espere o touro na agulha... Não quero saber de perrengues!

P'ra dizer a verdade, meu branco, eu fiquei aquella hora sem uma isca de sangue na cara e, por Deus eu juro, se eu pudesse sorverter naquelle instante...

Olhei ansim meio tristonho pr'a cerca do apartador e meus olhos imbicaram nos de Lucina.

E a tentação se havia de compadecer de mim gritou na sua vozinha de pomba rôla — Chega o bicho no lugar Raymundinho, que Você tem um doce!...

Foi a minha desgraça...

Não esperei mais nada: peguei o guatambú benzi o ferro e gritei furioso pr'o Cypi: larga a vassoura do garrano caieira!...

Quando o bicho s'alevantou, — parece que o ladrão me assumptava, — como um relampago partiu pr'a mim.

Eh! baguá velho, gritei e cheguei o ferro no loro delle sem dó nem compaixão.

Mas, é sorte! o guatambú embodocou e "páz" estralou feio, bem ao meio, quebrando em lasca, enquanto eu finquei e virei, tiçado com a furia do malungo.

O desgraçado pulou por cima de mim, bufando, babando e a ponta do ferrão, cahindo do tutiço da féra, me fincou bem aqui na minha coxa indo inté o osso.

Foi um esparramo dos infernos: grito e mais grito.

Pr'a incurtar o caso fiquei pinchado numa rêde um temporão, meio entrevado e quando me levantei, mais de anno dipois, estava ansim com a perna encolhida. capenga e perengueano como inté hoje».

Calara o vaqueano.

A meia tarde refrescava e, suave, subtil aroma sylvestre embalsamava os ares.

Gralhas gritavam algazarrantes nas galhadas das lixeiras, annunciando a nossa passagem.

— E a Lucina? aventurei, inquerindo.

— Sei lá, disque casou c'um goayano que arribou com ella la pr'as bandas do Araguaya e nunca mais deu signal de vida!

— Mas então ella não lhe tinha amisade...

— Amisade? meu patrão!... Vuncê acredita que existe? Só de Pae pr'a filho e ansim mesmo... sina é Deus que dá... e não terminou.

Pelo campo, perdizes choravam pezarozas, enchendo-nos a alma de presentimentos.

A paysagem, áquella hora vespertina, o sol nacarava dum rubror intenso, e o horizonte e o céu que se arqueavam informes por sobre a vastidão intermina do campo na meia luz esmaecida do occaso, tinha magnificencias deslumbradoras que communicavam á alma, falando junto ao coração.

Varzearia — Junho — 923.



Paginas dos Mestres

ORAÇÃO À BANDEIRA

Bem dita sejas, bandeira do Brasil!

Bem dita sejas, pela tua belleza!

E's alegre e triumphal. Quando te estendes e estalas á viração, espalhas sobre nós um canto e um perfume: porque a viração, que te agita, passou pelas nossas florestas, roçou as toalhas das nossas cataractas, rolou no fundo dos nossos grotões agrestes, beijou os pincaros das nossas montanhas, e de lá trouxe o bulicio e a frescura que entrega ao teu seio carinhoso. E's formosa e clara, graciosa e suggestiva. O teu verde, da côr da esperança, é a perpetua mocidade da nossa terra e a perpetua meiguice das ondas mansas que se espreguiçam sobre as nossas praias. O teu ouro é o sol que nos alimenta e excita, pae das nossas searas e dos nossos sonhos, nume da fartura e do amor, fonte inexgottavel de alento e de belleza. O teu azul é o céu que nos abençôa, innundando de soalheiras offuscantes, de luares magicos e de enxames de estrellas. E o teu Cruzeiro do Sul é o nossa historia: as nossas tradições e a nossa confiança, as nossas saudades e as nossas ambições; viu a terra desconhecida e a terra descoberta, o nascer do povo indeciso, a inquieta alvorada da Patria, o sofrimento das horas difficeis e o delirio dos dias de victoria; para elle, para o seu fulgor divino ascenderam, numa escalada anciosa, quatro seculos de beijos e de preces; e pelos seculos em fóra irão para elle a venera-

ção commovida e o culto feiticista das multidões de Brasileiros que hão de viver e lutar!

Bem dita sejas, pela tua bondade! Cremos em ti, por esta crença trabalhamos e pensamos. A' tua sombra vivem os nossos sertões, cavados em valles meigos, ricos em brenhas fecundas, levantados em serras majestosas, em que se escondem torvelins de existencias e thesouros virgens, fluem as nossas aguas vivas e vertentes, em que circulam a nossa soberania e o nosso commercio, agora derramadas em correntes generosas, agora precipitadas em rebojos esplendidos, agora remansadas entre selvas e collinas: e sorriem os nossos campos, cheios de lavouras e de gados, cheios de casaes modestos, felizes no suado labor e na honrada paz. E, sob a tua égide, rumorejam as nossas cidades, colmeias magnificas, em que tumultuam ondas de povo, e em que se extenuam braços, e se esfalfam corações, e ardem cerebros, e refolegam fabricas, e estrugem estaleiros, e vozeiam mercados, e soletram escolas, e rezam egrejas.

Bem dita sejas, pela tua gloria!

Para que seja maior a tua gloria, juntam-se na mesma labuta, a enxada e o livro, a espada e o escopro, a espingarda e a trolha, o alvião e a penna. Para o teu regaço piedoso, elevam-se, como uma oblata, os aromas dos jardins e os rolos de fumo das chaminés, e sóbe o hymno sacro de todas as nossas almas, resoando o nosso esforço, o nosso pensamento e a nossa dedicação, vozes altas concertadas, em que se casam o ranger dos arados, o chiar dos carros de bois, os silvos das locomotivas, o retumbar das machinas, o ferver dos engenhos, o clamor dos sinos, o clangor dos clarins dos quartéis, o esfusiar dos ventos, o ramalhar das mattas, o murmurejo dos rios, o regougo do mar, o gorgoeio das aves, todas as musicas secretas da natureza, as cantigas innocentes do povo, e a serena harmonia criadora das lyras dos poetas.

Bem dita sejas, pelo teu poder; pela esperança, que nos dás; pelo valor, que nos inspiras, quando, os olhos postos em tua imagem, batalhamos a boa batalha, na campanha augusta em que estamos empenhados; e pela certeza da nossa victoria, que canta e chispa no fremito e no lampejo das tuas dobras ao vento e ao sol!

Bem dita sejas, pelo teu influxo e pelo teu carinho, que inflamarão todas as almas, condensarão numa só força, todas as forças dispersas no territorio immenso, abafarão as invejas e as rivalidades no seio da familia brasileira, e darão coragem aos fracos, tolerancia aos fortes, firmeza aos crentes, e estimulo aos desanimados. Bem dita sejas! e, para todo o sempre, expande-te, desfralda-te, palpita, e resplandece, como uma grande aza, sobre a definitiva patria, que queremos criar forte e livre, pacifica, mas armada; modesta, mas digna; dadivosa para os estranhos, mas antes de tudo maternal para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lyrica, mas escudada de energia e de civismo, de disciplina e de cohesão, de exercito destro e de marinha aparelhada, para assegurar e defender a nossa honra, a nossa intelligencia, o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz.

Bem dita sejas, para todo o sempre, bandeira do Brasil!

Olavo Bilac.



Páginas Contemporâneas

“O Centro” e a Cultura Mattogrossense

DISCURSO proferido na sessão de 23 de Junho de 1930, da Assembléa Legislativa, pelo Deputado Generoso de Siqueira, Socio correspondente do “Centro”

Sr. Presidente e meus nobres collegas:

O projecto que venho trazer á vossa consideração e estudo é dos que dispensam justificação, de tal modo ressaltam do proprio enunciado a sua utilidade e conveniencia.

«Fica reconhecida a utilidade publica do “Centro Mattogrossense de Letras”, fundado em Cuiabá, a 22 de maio de 1921.»

Vae para 10 annos, como vêdes, alguns cultores das Letras reuniam-se e lançavam a semente dessa temeraria iniciativa, que mezes depois germinava dando a esplendente realidade que ella é hoje.

Eram no começo doze.

Seis outros se lhes ajuntaram á companhia na occasião de votarem os Estatutos, preenchemo-se posteriormente os logares restantes.

Propunha-se a instituição a : promover e incitar a cultura artistica e literaria; activar o estudo da lingua materna; desenvolver o da literatura nacional; cultivar as bellas letras, propugnando pela nossa educação artistica e literaria; crear e manter uma bibliotheca; tornar conhecido fóra do Estado o seu movimento intellectual, organizar festas de arte; favorecer e propagar o nosso folk-lore; impulsionar a arte theatral; manter uma Revista para editar os proprios trabalhos e os ineditos de escriptores mattogrossenses; e, finalmente, instituir e manter o culto civico.

Se a exiguidade de tempo, para objectivos assim vastos, não lhe permittiu sequer iniciar a execução de muitos, forçoso é confessar que outros, os de maior urgencia e necessidade, foram auspiciosa e brilhantemente attingidos.

Já realizou 16 conferencias de estudos sobre os patronos; quatro extraordinarias; e publicou, com rigorosa pontualidade, dezeseite volumes da Revista:

*
* *

Importa, porem, desde logo, accentuar que não se resumem nesses os titulos que ao credito do Centro devemos escripturar. Para bem lhe aquilatarmos a utilidade e os beneficios prodigalizados e medirmos a benemerencia é mister reportarmo-nos aos annos que antecederam o da sua instituição, considerar a phase de paralyzação que Cuiabá vinha atravessando, cujas consequencias haviam de forçosamente reflectir-lhe no espirito e na evolução de sua cultura. Ainda convalescia da profunda convulsão politica que nos annos de 1899 e seguintes a sacudiu nos alicerces e nova lhe sobrevem em 1916, que quasi lhe exhaurre as forças já depauperadas por varias causas, principalmente pela depressão do commercio da borracha, fonte de sua riqueza.

A União, por sua vez, mal inspirada, aggravara mais essa tremenda situação, adoptando uma serie de providencias, muitas dellas verdadeiros erros, que lhe affectaram gravemente a economia com o prival-a de varios serviços e repartições suas que extinguiu ou cujas sédes mudou. De tudo isso resultaram o formidavel crack do seu alto commercio, o estacionamento de sua evolução, que sob certos aspectos, chegou a regredir, o estancamento de muitas iniciativas progressistas. Ao peso de tanta adversidade, seu povo perdeu aquella alegria e contentamento que antes o caracterizavam. Até os costumes e condições de vida mudaram e se resentiram. O desaparecimento da unica companhia de transportes urbanos alterou e prejudicou-lhe immensamente os habitos de sociedade. Collegios como o Atheneu Cuyabano, São Sebastião e o Lyceu S. Gonçalo de Artes e Officios, que inestimaveis serviços prestaram á sua mocidade, foram compellidos a fechar suas portas.

Foi num tal ambiente de desanimo que aquelle pugillo de homens de letras, dedicados á sua terra, reagindo-lhe á acção cataleptica, concebeu e levou a effeito a fundação do Centro.

O devotamento e a perseverança com que o fizeram e se dedicaram preservaram-no do fracasso tão frequente ás actividades dessa natureza, cujas compensações de ordem exclusivamente moral, sobre morosas, somente observadores attentos percebem.

Nenhum exaggero, portanto, de minha parte, no affirmar que o Centro marca, se assim posso expressar-me, o inicio do nosso resurgimento, o renascimento, não tanto de nossas letras

mas da confiança em nós mesmos que iam perdendo. Essa a meu ver, a maior e verdadeira significação desse empreendimento meritorio, o seu titulo mais valioso, a sua inestimavel utilidade.

* *

Quando assim não pensasseis—quem, dentre nós, ousará negar a extensão e o vulto de quanto, nos poucos annos decorridos, já fez o Centro? Só a instituição do seu culto civico, um de cujos objectivos é glorificar os varões notaveis pelo saber e dedicação a Matto Grosso ou vinculados á sua historia, de que cogita o n. XI do art. 2º dos seus estatutos, justificaria, se a esse os limitassem, a medida consubstanciada no projecto.

Desenvolvendo essa parte do seu programma, já celebrou a benemerencia de Couto de Magalhães, Padre José Manoel de Siqueira, Joaquim Murinho, Padre Ernesto, José Thomaz, Veiga Cabral, José Estevão, Vieira de Almeida, Frederico Prado, Manoel Esperidião, Ramiro de Carvalho, Luiz de Alincourt, Conego José da Silva Guimarães, Pimenta Bueno e Francisco Catharino, todos elles no ramo do saber e da especialidade dos conhecimentos humanos a que cada um se dedicou, legitimas glorias da nossa terra, dignos sem duvida do pantheon em que os collocou a reverencia reconhecida do Centro. No entretanto a vida e feitos delles eram totalmente ignorados dos contemporaneos e só por meio dessas commemorações e da sua divulgação pela Revista, se tornaram melhor conhecidos.

* *

Os argumentos até aqui invocados referem-se á utilidade que eu direi extrinseca da nobilissima associação. A par dessa, porém, coexiste a intrinseca, incontestavel, igualmente merecedora de todo nosso apreço.

Esta segunda consiste no proprio facto de ser ella a representante autorizada das letras mattogrossenses, o expoente maximo da sua cultura e do seu gosto artistico. De facto, sr. Presidente, da mesma forma que o pergaminho e uma placa reluzente não dão ao advogado nem ao medico a notabilidade de um Ruy Barbosa ou de um Miguel Couto, tambem não se improvisam Centros de cultura artistica, nem basta para lhes firmar o credito proporem-se pugnar pela cultura dois meios em que surgem.

E' mister mais: que os seus membros sejam effectivamente artistas ou literatos, exhibam-lhes as credenciaes ou evidenciem tirocinio.

Sem isso, baldada será a tentativa.

São esses elementos, de absoluta imprescindibilidade, que ao nosso Centro não escasseiam. Seu prestigio vem disso. Provam-no aquellas conferencias glorificadoras, muitas de apurado labor artistico, de requintada belleza literaria, de fino senso critico, que nenhum dos luminares da literatura patria teria pejo em subscrever e essa Revista, unica no genero, em que brilham os mais bellos diamantes da intelligencia mattogrossense.

Nenhuma preferencia nem preconceito de escolas ou religiosos. D. Aquino, Lamartine Mendes, José de Mesquita, Cesarino Prado, João Cunha, Philogonio Corrêa, Estevam de Mendonça, Antonio Fernandes, José Vilá, Isac Povoas, Franklin Cassiano, Octavio Cunha, Palmyro Pimenta, Oscarino Ramos, Allyrio de Figueiredo e outros, muitos outros, alli porfiam ao serviço de Mattto Grosso, nesse trabalho afanoso de sondar-lhe o passado, desvendar-nos os encantos idos do tempo das cavalhadas, do mysterio das cadeirinhas, dos descantes ao luar, cantar-lhe as bellezas sem par, de modo a assegurar-lhe no conceito dos demais o logar a que a intelligencia, a dedicação e a operosidade de seus filhos lhe dão direito.

*
* *

Posto, ao mesmo tempo, de centralização e de irradiação da cultura mattogrossense, o Centro é, sob qualquer aspecto que o encaremos, digno do nosso reconhecimento.

O serviço por elle já realizado — sem igual na perseverança, admiravel de methodo, valiosissimo nos resultados — honra e sobremodo, recommenda-o a estima e veneração publicas.

Constatal-o e proclamar essa benemerencia é antes dever nosso que a aspiração delle.

Folgo em registrar que assim tambem o comprehendéis. De outro modo não se entenderia a razão de ser da verba que annualmente vindes renovando para o auxiliar na execução desse programma de realizações. Bastava-me isso para ter a certeza do vosso apoio imprescindivel. A confiança, porém, que o acerto e a clarividencia de vossas deliberações me inspiram supri-lam do mesmo modo, restituindo-me a tranquillidade sobre o exito do vosso patrocínio prestigioso. (*)

(*) O projecto a que se refere este discurso converteu-se na Lei n.º 1079, de 11 de Julho de 1930, que reconheceu a utilidade publica do "Centro Mattogrossense de Letras".

Paginas esquecidas

ELEGIA (*)

I

Oh! minha Mãe! Oh! minha bôa Mãe,
Meu anjo amigo, tutelar e guia!
Meu só consolo nas fataes provanças
Duras, cruentas d'esta minha vida!
Hoje que a magoa me annuvia o peito,
Hoje que vivo tão sentido e só,
Qual fraca barca em mar d'angustia infinda,
Triste ludibrio da cruenta sorte,
Embora, ausente, te fixar não possa,
Todo amoroso, como devo, a vista,
Attende ao menos a esta vóz de um filho
Tão repassada de amargura e pranto,
Que a ti dirige o seu sincero preito.

Hoje em minh' alma, oh! minha bôa Mãe
Fulgura só com pallidez medonha
Da morte a idéa tão cruel e triste!
Não sei que dôr, que triste dôr occulta
Me rala o peito!... O coração magoado
De sofrimentos, amargor, tristezas,
Hoje na vida me acabrunha, oh! Mãe!

Bem sei que morro e que me acabo breve!
Um quê diverso me espedaça o peito
Me obumbra a mente nevoenta idéa
D'um viver novo na Mansão dos mortos.

(*) Esta emotiva poesia, reveladora de um bello talento poético, prematuramente ceifado pela morte, pertence ao archivo do Centro, secção de autographos, por gentil offerta do Te. Cel. Romão V. da Silva Pereira.

Eu sei que morro ... e que deixar-te só,
Tão só no mundo, sem teu filho amado,
Teu lenitivo no soffrer constante,
(Pois que na vida todos nós soffremos)
Triste, é bem triste, oh ! minha bôa Mãe !
Meus breves dias, meus tão poucos dias
Correm parellas c'o fulgor do Astro
Que rubro mostra-se aos viventes todos,
Quando tombando vai o dia além,
Deixando os raios que sumindo aos poucos
No mesmo abysmo vão parar tambem.

Ha muito sei que muito em breve morro !
Antes que venha a minha hora extrema,
Beijar-te quero e affagar-te ao seio,
Bem contemplar-te, derramar o pranto
Junto contigo, oh ! minha bôa Mãe !
Eu morro, é certo !... E não vem longe o golpe
Cortar-me logo o mal tecido fio
Da minha vida que bem gasto está!
Mas a lembrança que deixar-te quero
Para a saudade não roer-te o peito,
N' aquella hora em que cair o alfange
Sobre este filho que te adora tanto,
Sejam meus versos, meu thesouro unico,
Depois de ti meu mais sincero amigo,
Onde se encerra meu viver de dores
E os duros transes que tanto hei soffrido !
N' elles cantei os regosijos d' alma,
Si é que algum dia regosijo eu tive,
Porque no longo decorrer da vida
Foi raro o dia em que feliz passei !
Elles, portanto, ser-te-ão a esponja
Que enxugue os prantos que por mim verteres;
N' elles verás os vacillantes passos
Que n' este mundo tão custosos dei !
O meu viver em dolorosos Cantos
N' elles está, oh ! minha boa Mãe !

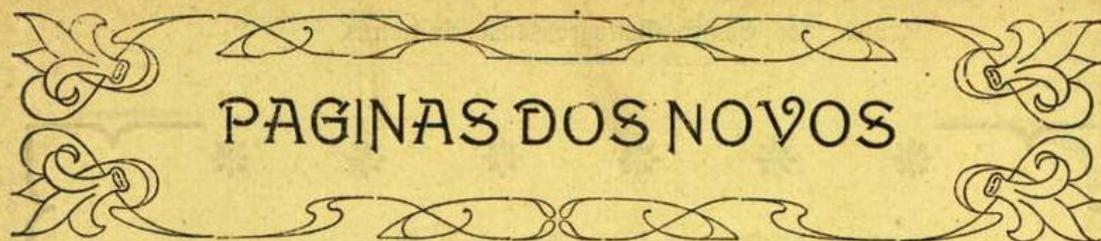
Pódes mostral-os a quem me recorde
Mas não os mostres, mãe querida e bôa,
Aos invejosos que me mordem tanto
E nem te fies n' essas juras faceis
De labios impios a dizer-se amigo!
Eil-os contigo, oh! minha boa Mãe!
São teus! . . . e d' elles faze o que quizeres.
Eis, pois, meus versos! E no ultimo instante
Não tarda a benção que teu filho implora
Para tranquillo repousar na campa,
Porque já sinto aproximar-se a hora. . .
Marcado o termo é do viver tão triste!

Adeus, oh! Mãe! A tua benção dá-me!
Meu Deus! Que hora tão feliz na vida! . . .
Demais que horror póde inspirar a morte
Si a morte é doce, si é tão bom morrer?!
Luxos desprezo em derredor da campa,
Prantos fingidos nem por sombra os quero,
Porque ná vida que passei amára
Bem sei que tudo n' este mundo é falso.
Só quero a benção do Levita Sancto,
Do Céu em nome e do meu Deus Eterno,
Seguras azas que transportão a alma
Ás aureas sédes da Mansão suprema.

Na pobre leira sob a qual meu corpo
Á fria argilla for entregue, morto,
Roxa saudade surgirá viçosa.
Por tuas mãos plantada, Mãe querida,
Tambem regada por teu pranto seja.
Nada do mundo, nada mais aspiro . . .
E assim, tranquillo, vou morrer constricto,
Beijando as Mãos á minha boa Mãe!
Nada do mundo, nada mais aspiro,
Tranquillo morrerei!

(Junho 93)

João Marciano Barreto



Poesia Matto-grossense



NA poesia de Matto-Grosso excellen dois aspectos principaes: a epopéa e o pantheismo.

Era inevitavel.

Despertando no momento, nas letra do Estado o primeiro surto de uma literatura independente em que se busca retratar no ambiente natal o homem matto-grossense, era força que nos precursores do movimento predominasse o amor da tradição e da natureza.

E a mingua de modelos que orientassem nos vates uma crystalização poetica, por si capaz de dar feição typica ao versejar nativo, os vanguardistas cuja formação literaria se fez no deletrear de livros completamente alheios aos motivos matto-grossenses, teriam que adaptar-se, forçando um pouco a sinceridade.

Dahi resulta a poesia eminentemente objectiva que caracteriza os poetas da minha terra, especificada na historia e na payragem.

Mas a predominancia do assumpto não empobreceu a inspiração.

Longinquo, selvatico, Matto-Grosso tem sido por um determinismo historico o palco onde se tem desenrolado os maiores dramas de toda a nacionalidade.

Assim no diagramma dos fastos da bravura, proeminam. *em' maxima*, expressivos, o sacrificio resignado e soffrido da retirada da Laguna e a ruidosa investida das bandeiras, apresentando ambas um ramo ascendente violentissimo:— a luta contra a natureza,

Esta ultima, a outra nota predominante, apresenta as variantes que se estendem entre os extremos do meio dia pantanoso, ás regiões septentrionaes das matas amazonicas que fazem parte da ultima pagina do Genesis que se está escrevendo, na phrase de E. da Cunha.

Oscillando entre esses themas é que se erige a obra epico-pantheista dos dois mestres da poesia cuyabana como dizia V. Corrêa.

O mais epico—D. Aquino.

O mais pantheista—José de Mesquita.

Excluido, é claro, o lyrismo pessoal de ambos, para só resahir o que ha de mais typico em poesia regional.

D. Aquino.

Em D. Aquino é mais profundo o traço da epopéa.

Passam com mais frequencia, revoando nas rimas, os clarins clangorando, como cabelleiras de som agitadas pelos ventos da historia.

Revivem na cadência das estrophes inflammadas o rythmo heroico das entradas, resôa na matta o estridor das luctas face a face e o *urú* ardiloso do indio á espreita.

De repente, por entre a calma do carandazal rugitante, no circulo do horizonte, um ponto escuro que avança numa rapidez incrível, como as nuvens que fazem da chuva nessas paragens, curiosissimo phenomeno meteorologico.

Guaycurús! E no alvor das paginas do *Terra Natal*, passam em vertigem nas pautas do soneto a tribu walquireana de olhos faiscantes, longas cabelleiras agitadas, como pendões de guerra.

Ouve-se o “atroz quadrupedar de pés ligeiros e o resfolgar de tumidas narinas.”

Mas não cessou ainda o desfile bellicoso,

Retinem, um pouco desconfiadas com o scenario da natureza, as espadas guerreiras que após fuzilarem no no pulso dos condestaveis vinham, sem nunca ter pensado, relampejar no punho temerario de um Mello Bravo, na destra conselheiral de Antonio Maria Coelho, ou num heroismo tocando as lindes da loucura, nos dedos crispados de Antonio João.

Mas, serenada, a catadupa da inspiração amaina-se e si perde em eloquencia ganha em poesia.

Lá desfilam as nossas cidades; casinhas brancas como cegonhas, canafistulas carpindo endeixas, Campo Grande, uma creança precoce "entre as orchideas" Matto-Grosso "lendaria," Corumbá ciosa do passado, recordando combates e Bella-Vista trocando de bom grado as lutas sangrentas pela resignação estoica e a bucolica evocação do guia Lopes.

Cuyabá, tradicional, toda vestida de verde, numa expressão tão feliz que ficou sendo para nós a Capital-verde.

Vêm depois as recordações da infancia, "A caveira idolatrada," saudades da patria em Roma, a figueira "soluçando as musicas do adeus" e essa profunda tristeza que nos invade a todos, quando longe de nossa terra.

Essa mesma tristeza que a terra e as florestas nos infiltraram no sangue e que exaltada no nosso *bugre* fal-o morrer nostalgico, ao deixar o rincão natal.

José de Mesquita

O ultimo livro de versos de José de Mesquita é um livro suave e carinhoso.

A pintura que elle nos faz de Matto Grosso, na sua poesia subtil e rendilhada, como um véo de neblina, deixa-nos a suave emoção dos perfumes antigos e da maciez das plumas.

Desde as "Miniaturas" que o poeta nos deu a impressão, agora confirmada, de um espirito attico, fino e delicado.

Não lhe agradam ao temperamento o troar das inubias ou o estridor de guaycurús em carga, nem a plangencia do urucungo a reviver em terra brasileira o rythmo selvagem das dansas africanas.

Por isso a sua poesia não nos fala de aguas desbordantes no impeto das enchentes, do estrepitar das queimadas ou das lutas cyclopicas no recesso das matas matto-grossenses.

Mas de todo o seu livro sóbe um perfume sadio de terra moça, um "raido de cinorro chocalhando á noite no valle silencioso" e a surdina do rio entre os sarãs, "a rolar as aguas lentamente."

Esmerado cultor da lingua, a preocupação dos termos empolados, ou arvezamentos de syntaxe não lhe prejudicam a fluidez e a simplicidade artistica.

Pura e corrente não se detem a idéa a espumear nos cascalhos dos preciosismos syntacticos; deflue sem o escachôo dos termos guizalhantes.

Dourados não lhe recórda á sensibilidade o heróe formidavel interpretando uma tragedia sem espectadores no scenario amplissimo da natureza tropical.

Antonio João revive como o "bravo e obscuro com mandante," e a esthetica do poema culmina no exodo da população:

*"Quando o ultimo velho, encanecida a fronte
Sumia pela estrada, erma, quiete, sombria,
O sol vinha dourando a fimbria do horizonte,
No primeiro clarão indeciso do dia."*

Os povoadores de Cuyabá não ressuscitam no periodo homerico dos encontros barbarescos, mas depois que tornados em mineradores a alma se lhes desbrocha lavada de unção christã, no enternecimento da saudade e eil-os na velha cathedral:

*... lentos passar, em theoria obscura,
 á refração do amplo vitral por entre as naves
 ao som do organ dolente a encher o ar de doçura
 — tal, pela tarde morta, um vôo lento de aves...*

E tudo vae assim, cheio de suavidade, e delicadezas que fazem lembrar os perfumes exquizitos e as rendas de trama finissima.

Sente-se que o artista que teceu a filigrana subtil do "Romance esquecido:"

*Casinha branca e singela
 Vendo-te á noite ao luar
 a gente recorda aquella
 moreninha meiga e bella
 que ahi ficava a scismar ...*

foi o mesmo que urdio a renda heraldica das "Quadras":

*Póde haver muita belleza
 que ao vel-a a alma se estrélla:
 deusa, pastôra ou princeza,
 porém nenhuma tão bella*

A parte mais bella do livro pareceu-nos o pantheismo regional das "Impressões e Paisagens."

E nem aqui o poeta abandona o seu feitio espiri-
 tual e delicado.

Na variedade multiforme do panorama matto-grossense, mais que os gallos da campina pondo respingos de sangue no relvado, inspiram-no os bandos de garças, como farrapos de nuvens animadas, casando a elegancia das linbas nobres do porte á elegancia moral da aza albente que se não pollue na vasa.

E os versos conseguem reflectir com tal perfeição os paineis e em tal maneira essa poesia nos fala ao espirito que nos ficam depois na rententiva, pedaços incompletos de versos, trechos isolados de paysagens, revoando, gyrando numa farandula saudosa, evocativa.

E ao fechar o livro tem-se a impressão de haver voltado de uma viagem de instantes a Matto-Grosso,

cujo retrato o poeta cinzelou sem querer na joia que é "Flôr do matto."

*Eu sou a flôr do matto, a flôr pobre e singela
Que abre á margem da estrada aos beijos do sol nado.*

Os Novos

E entre os novos ha muitos de bons versos e inspiração regional, citando Lamartine Mendes e Castro Brazil, para não irmos demasiado longe.

Ha tambem, como por todo o Brasil, os remanescentes de um parnasianismo a Heredia, cheios de faiscações de marmores antigos, resonancias de flauta de Pan e nomes de peregrina prosodia para martyrio e aperfeiçoamento vocal dos tatibitates.

Lá vem a argiva gente, cavalgando em yy e erica-da de hh como lanças ponteagudas. Amaram em idyllios, em serestas com plectro de Orpheu e lyra em punho; garganteiam rhapsodias, quando Phebe põe scintillações hyalinas no Cuyabá, novo Sperchio separando Oeta de Othris. E ao seguinte dia, sonetêam á sua Helena com a traducção de Homero feita por Leconte entre-aberto sobre a mesa de jacarandá matto-grossense.

Anatomistas mais que physiologistas da estetica, desdenhando uma garça que gisa em vô donairo-so a azul ardosia do firmamento natal; extasiam-se ante a paralytia, obtida a formol, das aves conservadas nos mostruarios dos museus e preferem, a prender em duas rimas emparelhadas um casal gritante de anhu-mas, ajoujar um par de gansos... do Capitolio.

Esse culto das coisas exoticas passará, contudo.

E atravez dos versos chegarão ao littoral supercivilizado o *folk-lore* e a paysagem matto-grossenses.

Bem junto do mar que os Bororos não conhecem mas advinham, na sua cosmographia geocentrica, segundo o P. Colbachini, ao relatar que depois dos horisontes existe a agua sem fim.

RELATORIO

DO

Centro Mattogrossense de Letras

referente ao 8º anno social

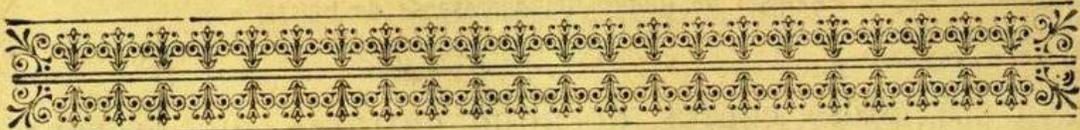
(1928 -- 1929)

apresentado pelo Presidente

Des. José de Mesquita

em sessão extraordinaria de posse

a 7 de Setembro de 1929



Meus amigos e confrades:

VENHO hoje, dando cumprimento a um dever estatutario, trazer ao vosso conhecimento as principaes occorrencias assignaladoras do oitavo periodo annuo da nossa querida sociedade.

Pelos dados que ao diante vereis, facil vos será averiguar, em justa e rigorosa analyse, que, si a vida do "Centro", no decorrer do anno social extincto, se não marcou por factos de grande relevo, nem por isso deixa de representar um passo a mais na escala evolutiva que, mau grado os tropeços naturaes do meio, vamos galgando, lenta e satisfatoriamente, na realização do nosso programma.

Não foi, talvez, brilhante a actuação de "Centro", neste ultimo estagio, mas ninguem de bôa fé negará haver sido efficiente. E no que faz ao nosso proposito, parece-me valer muito mais o trabalho sereno e perseverante, o labutar de cada dia, sem esmorecer, que todas as victorias bulhentas, as matinadas de clarins e tambores, com que, muitas vezes, a mediocridade encapotada de genio sóe encobrir o vasio de suas conquistas e a inanidade dos seus idéaes.

Quadro social

Alteração nenhuma soffreu o quadro social durante o anno findo. Apenas se notaram mudanças de residência de socios, com character temporario ou definitivo.

A Mêsã cogita, no anno entrante, em prover as cadeiras daquelles que, por transferencia de domicilio, devem passar á categoria de correspondentes, na forma prescripta pelos nossos Estatutos.

Conferencia

Proseguindo na série de estudos dos patronos — um dos pontos mais importantes da nossa actualção, pois implica valiosa divulgação dos nomes e obras de auctores matto-grossenses ou ligados á historia de Matto-Grosso — foi, a 31 de Outubro do anno passado, feito o elogio do General José Vieira Couto de Magalhães, pelo socio occupante da cadeira nº 4.

Para esse fim organizou-se um bello sarau artistico, que, como os demais realizados pelo “Centro”, logrou selecta concorrência, tendo a gentilissima collaboração de senhorinhas do escól cuyabano, que preencheram, com arte e graça, a parte de musica e declamação. Temos assim vencido dois terços do caminho, representando esta a 16ª contribuição com que, de 24 cadeiras, o “Centro” entra para o estudo das nossas letras no passado. A 17ª conferencia, a realizar-se provavelmente no anno vindouro, será feita pelo socio dr. João Barbosa de Faria, que discorrerá acerca do Visconde de Taunay, patrono da cadeira nº 24.

Hora Literaria

As interessantes tertulias que, sob a denominação de “hora literaria”, vimos effectuando, proseguiram este anno, despertando sempre crescente carinho e sympathia por parte da culta sociedade cuyabana. A 21 de Outubro de 1928, levamos a effeito uma “hora de arte moderna,” como justa homenagem aos novos que, com rara galhardia, vêm-se affirmando no tablado literario do país. A 6 de Janeiro, 14 de Abril e 4 de

Agosto deste anno realizaram-se mais tres "horas literarias" sendo a segunda daquellas offerecida ao nosso prezado consocio dr. Generoso Ponce Filho, correspondente do "Centro" no Rio, nessa occasião nesta Capital.

Revista

Já está distribuido o XVI nº da nossa Revista, correspondente ao 2º semestre de 1929, com o qual se prefaz o 8º anno da sua regular publicação. Os trabalhos graphicos continuam a ser effectuados nas Officinas Salesianas, a contento nosso, quer quanto á parte material, sempre esmerada, que no tocante a pontualidade.

Mudança de sede

Por haver o Governo do Estado pedido a urgente desocupação do predio em uma de cujas salas vinha funcionando a séde social, desde 1924, visto pretender demolir o edificio, transferimos, provisoriamente, a séde com as suas respectivas dependencias, archivo e bibliotheca, para o Seminario da Conceição, como se fez publico pela folha official do Estado. Na nova séde, que devemos ao gentil offerecimento do nosso presidente de honra, Exmº Sr. D. Aquino Corrêa, com quem se entendeu opportunamente esta presidencia, vem o "Centro" realizando as suas sessões ordinarias, continuando a vigorar o mesmo horario e expediente anteriores.

Biblioteca

O movimento de obras durante o anno foi o seguinte:

Em 1928 — Obras: 935

Volumes: 1259

Em 1929 — Obras: 1002

Volumes: 1334

Accrescimo: 67 obras e 75 volumes.

Continúa como Bibliothecario o nosso prestimoso consocio Antonio Fernandes de Sousa e nas funcções de zelador o Sr. Joaquim de Mendonça.

Sessões

Effectuaram-se, no anno derradeiro, 5 sessões, das quaes 2 extraordinarias e 3 ordinarias, nas datas de 16 de Setembro e 9 de Dezembro de 1928, 17 de Maio, 23 de Junho e 15 de Agosto do corrente. A primeira, extraordinaria, foi de posse da Directoria, a qual se não poudo realizar no dia marcado pelos Estatutos. Na ultima, tambem extraordinaria, foi eleita a Mesa que hoje se empossa nos seus cargos directivos.

Relações officiaes

O "Centro" vem mantendo as relações de cortezia e de cordialidade já por mim referidas em anteriores relatorios, quer com os poderes publicos, quer com as sociedades congeneres. O intercambio de publicações se intensifica, valendo por si só como o melhor serviço de propaganda da nossa intellectualidade.

Gestão financeira

E' satisfatorio o estado das nossas finanças. No ultimo exercicio, como vereis do balanço incluso, acompanhado dos necessarios documentos, a receita do Centro áttingiu a 2:013\$614, sendo a despeza de 2:797\$720 passando para o actual o saldo de 1:937\$236, represento por parte do saldo vindo do exercicio anterior.

O procurador do "Centro" snr. Benedicto A. London, vem-se esforçando, com a dedicação e idoneidade que lhe connecemos, para manter sempre regular e equilibrada a nossa situação economica, no que tem encon-

trado sempre todo o apoio e prestígio da parte da Mesa, e a colaboração eficaz de todos os socios.

Conclusão

Com estas succintas informações, dou por encerrado o relatório do anno social extinto, folgando em apresentar-vos, meus caríssimos confrades, com os mais vivos agradecimentos pela maneira leal e dedicada com que vindes cooperando com esta presidencia no alevantado ideal que nos liga e solidariza, os votos cordiaes que faço pela vossa felicidade pessoal e pela grandeza cada vez mais crescente do "Centro", para a consecução dos nossos superiores ideaes.

Cuyabá 7 de Setembro de 1929

JOSÉ DE MESQUITA

Presidente.



Actas das sessões do Centro

Mattogrossense de Letras

(Continuação do Numero XVI)



Acta da 41ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos tres dias do mez de Junho de mil novecentos e vinte oito, em sua sêde social sita á rua treze de Junho, com a presença dos socios effectivos José de Mesquita, Palmyro Pimenta, Oscarino Ramos, Allyrio de Figueiredo, Cesario Prado, Philogonio Corrêa, e Isác Povoas, effectuou o Centro Mattogrossense de Letras, a sua 41ª sessão ordinaria. Sob a presidencia do primeiro, servindo de 2º secretario, na ausencia do effectivo, o 1º Secretario, Professor Philogonio Corrêa, foi por este lida a acta da ultima sessão ordinaria, bem assim o expediente em mesa, constante de communicação da Assembleia Legislativa do Estado, da sua installação, do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas e do Riachuelo F. C. de Corumbá, da eleição de sua Mesa; do mesmo Centro de Campinas, do Instituto Historico Brasileiro, da Academia Mineira de Letras e da Bibliotheca Publica de São Paulo, agradecendo a remessa do ultimo numero da Revista do Centro, e do Director Secretario da Empresa Luz, participando a sua organização. Foi lida ainda uma proposta do nome do Doutor Generoso Ponce Filho, para socio correspondente no Rio, proposta firmada pelos socios Allyrio de Figueiredo, Palmiro Pymenta e Oscarino Ramos, e que foi á Commissão respectiva para interpôr o seu parecer. Deliberou o Centro, sob proposta do Presidente, promover, conjunctamente com outras sociedades literarias desta Capital, uma festa em beneficio do Hospital dos Lazaros, a realizar-se na primeira quinzena de Julho. Foi designado o dia dezeseite deste para a hora literaria que o Centro fará juntamente com o Gremio Castro Alves.

O Presidente, em seguida, preveniu os socios de se achar no prelo o XIV numero da Revista, a sair em Julho vindouro, solicitando a collaboração dos mesmos para o orgam social. (a.) José de Mesquita, Philogonio de P. Corrêa, M. C. Oliveira Mello, Allyrio de Figueiredo, Oscarino Ramos, Cesario Prado, e Cesario Neto.

Acta da 42ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos quinze dias do mez de Agosto de mil novecentos e vinte e oito, pelas nove horas da manhã, na sua sêde social, á rua treze de Junho, reuniram-se os socios José de Mesquita, Miguel Mello, Allyrio de Figueiredo, Cesario Prado, Philogonio Corrêa, e Cesario Neto, tendo-se feito representar os socios D. Aquino Corrêa, Oscarino Ramos, Palmyro Pimenta, João

Cunha, Antonio Fernandes de Souza, Franklin Cassiano da Silva.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, foi, pelo 2º Secretario, dado conta do expediente em mesa, constante de um officio da Directoria da Estatica, solicitando dados informativos, e uma carta do Dr. Bernardino José de Souza, da Bahia, enviando um exemplar da sua valiosa obra "Onomastica geralda Geographia Brasileira". Em seguida, havendo numero legal, o Presidente Desembargador Mesquita, declarou que se ia proceder á eleição da Mesa e Commissions verificando-se, do escrutinio apurado, o seguinte resultado: Presidente, José de Mesquita, com doze votos; Vice presidente, João Cunha, com doze votos; 1º Secretario: Philogonio Corrêa, com 12 votos; 2º Secretario Cesario Neto, com dez votos; Thesoureiro: Cesario Prado, com onze votos, todos reeleitos.

Commissão de Redacção - Cesario Prado, com treze votos, Oscarino Ramos, com onze votos, e Cesario Neto, com onze votos; De admissão - Antonio Fernandes de Souza, com treze votos, Franklin Cassiano, com onze votos, Allyrio de Figueiredo, com dez votos; De Finanças - Octavio Cunha, com treze votos; Isac Povoas, com doze votos; e José Vilá, com doze votos. O Presidente agradeceu, em seu nome e dos companheiros cujos nomes acabavam de ser suffragados, a distincção que lhes conferira o Centro e declarou que, na forma dos Estatutos, a 7 de Setembro vindouro se faria a posse da nova mesa, em sessão commemorativa do 7º anniversario da sociedade.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão pelas doze e meia horas. (a) José de Mesquita, Padre Theodoro Kolczycki, representando o Exmº Revmº Senr. D. Aquino Corrêa, Franklin C. da Silva, Cesario Prado, Oscarino Ramos, Benedicto Augusto Lodom, José Raul Vilá, Isac Povoas e Cesario Neto.

Acta da 43ª sessão Ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos dezeseis dias do mez de Setembro de mil novecentos e vinte e oito, pelas dez horas da manhã, em sua sede social, á rua treze de Junho, reuniram-se em sessão os socios José de Mesquita, Oscarino Ramos, Cesario Prado, Isac Povoas, Franklin Cassiano, José Raul Vilá e Cesario Neto.

Por se tratar de sessão publica de posse estiveram tambem presentes o Reverendo Padre Theodoro Kolczycki representando S. Excia. Revma. D. Aquino Corrêa e o Snr. Benedicto Augusto Lodom, procurador do Centro.

Após a leitura e approvação da acta de eleição, o Presidente declarou empossados, na forma dos Estatutos, os socios eleitos: Presidente: José de Mesquita; Vice-Presidente: João Cunha; 1º Secretario: Philogonio Corrêa; 2º Secretario Cesario Netto; Thesoureiro: Cesario Prado. - Commissions: Redacção: Cesario Prado, Oscarino Ramos e Cesario Netto; Admissão: Antonio Fernandes, Allyrio de Figueiredo e Franklin Cassiano; Finanças: Isac Povoas, Octavio Cunha e José Vilá. Fez em seguida o Presidente a leitura do seu relatorio, no qual deu conta circunstanciada de todos os factos occorridos na vida da sociedade, no ultimo periodo directivo.

Foi resolvido fazer-se a 14 de Outubro vindouro uma hora litteraria consagrada á arte nova, na qual se leriam trabalhos vasados em moldes modernos e estudos acerca de escriptores da nova escola.

Esta hora litteraria veio a realizar-se no dia 21 do referido mez de Outubro.

Deliberou-se tambem que a 16ª conferencia de elogio de patronos seria

do socio Presidente José de Mesquita, o qual em brilhante estudo se desempenhou desta empresa em data de 31 de Outubro de mil nozentos e vinte e oito.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelas dez e meia horas. (a) José de Mesquita, Isac Povoas, Cesario Prado, Oscarino Ramos, Antonio Fernandes de Souza, Palmyro Pimenta, Cesario Neto.

Acta da 44ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos nove dias do mez de Dezembro de mil novecentos e vinte oito, com a presença dos socios effectivos José de Mesquita, Palmyro Pimenta, Oscarino Ramos, Cesario Prado, Isac Povoas, Cesario Neto e Antonio Fernandes de Souza, effectuou o Centro de Letras a sua 44ª sessão ordinaria, correspondente ao mez de Dezembro do anno proximo findo. Lida e approvada a acta da sessão anterior, foi pelo 2º Secretario Cesario Neto dado conta do expediente em mesa, constante de um telegramma do Advogado Reis Coelho, Intendente de Coxim, congratulando-se pela inauguração da rodovia que liga ao Norte ao Sul do Estado e cartas do Instituto Historico do Espirito Santo pedindo remessa de publicções e de Carmindo de Campos, propondo a venda de obras, por intermedio da sua agencia "A Capital". Foi submettido a votos e unanimemente approvado o parecer da Comissão de Tomada de Contas concluindo pela approvação do balanço de 1927-1928 apresentado pelo procurador Snr. Benedicto Augusto Landom. Deliberou o Centro fazer a proxima hora literaria, a seis de Janeiro vindouro e a 17ª conferencia de elogio de patrono em Março, cabendo ao socio José Vilá fazer o estudo do patrono da cadeira nº 1, Amancio Pulcherio de França. O Presidente preveniu a casa de estar a entrar para o prelo o XV numero da Revista, correspondente ao 1º semestre de 1929. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão ás onze horas. (a) José de Mesquita, Philogonio de P. Corrêa, Oscarino Ramos, Isac Povoas, e Cesario Neto.

Acta da 45ª sessão ordinaria do Centro Matto- grossense de Letras.

Aos dezeseite dias do mez de Março de mil novecentos e vinte e nove, presentes os socios efectivos José de Mesquita, Oscarino Ramos, Isac Povoas, Philogonio Corrêa e Cesario Neto, realizou o Centro de Letras a sua 45ª sessão ordinaria. Lida e approvada a acta da sessão anterior, foi, pelo 2º Secretario, dado conta do expediente em mesa, constante de officios do Instituto Historico Brasileiro e da Bibliotheca Municipal de S. Paulo, agradecendo a remessa de publicações. Na parte deliberativa ficou resolvido que se faria no dia 7 de Abril proximo uma hora literaria e bem assim, que se realizassem este anno os elogios de Tauny e Amancio Pulcherio, pelos socios João Barbosa de Faria e José Vilá. O Presidente participou a casa haver recebido um retrato do patrono da cadeira nº 6, Frederico Prado, offerta do Major Aristides Prado, o qual retrato será collocado em dia previamente escolhido, na galeria dos patronos, que se pretende organizar na séde social do Centro. Communicou ainda o offercimento, pelo socio Cesario Prado, de uma valiosa colleccção de obras literarias á Bibliotheca do Centro. Nada mais havendo que tratar, foi encerrada a sessão ás onze horas. (a) José de Mesquita, Octavio Cunha, Antonio Fernandes de Souza e Palmyro Pimenta.

Acta de 46ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos vinte e tres dias do mez de Junho de mil novecentos e vinte e nove, pelas nove horas, em sua séde provisoria em uma das salas do Seminario Episcopal, reuniram-se em sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras os socios José de Mesquita, Octavio Cunha, Antonio Fernandes de Souza e Palmyro Pimenta, sendo por este ultimo, designado para servir de secretario pela presidencia, lida a acta da sessão, anterior que foi approvada, O expediente constou da leitura de officios da Academia Brasileira de Letras accusando o recebimento da mensagem de congratulações enviada pelo Centro pelo centenario de Alencar; da Academia Paulista de Letras, communicando o seu resurgimento e eleição da sua directoria; do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, communicando a eleição de sua mesa administrativa; do secretario da Intendencia de Aquidauana remettendo um exemplar do Hymno de Aquidauana; e da A. M. de Motoristas uma circular participando a sua solemne instalação e posse da sua primeira Directoria.

Passando-se á ordem dia, pelo Snr. Presidente foi dado conta á casa de diversas providencias de caracter administrativo por elle tomadas, inclusive a mudança da séde social para o Seminario da Conceição, explicando os motivos determinantes daquelle acto. Ficou assentada a realização de mais uma hora literaria no domingo 14 de Julho e bem assim foi informada a casa da proxima entrada para o prélo do numero XVI da Revista do Centro, tendo, para isso, solicitado a collaboração de todos os socios.

Nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada as onze horas.
(a) José de Mesquita, Philogonio de P. Corrêa, Allyrio de Figueiredo, Franklin Cassiano da Silva, Palmyro Pimenta e Oscarino Ramos.

Acta da Sessão extraordinaria de eleição do Centro Mattogrossense de Letras

Aos quinze dias do mez Agosto de mil novecentos e vinte e nove, pelas nove horas da manhã, em sua séde provisoria em uma das salas do Seminario Conceição, effectuou o Centro Mattogrossense de Letras, uma sessão extraordinaria previamente convocada, afim de, na forma prescrita pelos Estatutos, proceder-se á eleição da Mesa e das Comissões que têm de servir no período social de 1929 — 1930, e a que compareceram os socios effectivos José de Mesquita, Philogonio Corrêa, Allyrio de Figueiredo, Oscarino Ramos, Franklin Cassiano e Palmyro Pimenta, tendo-se feito representar os socios D. Aquino Corrêa e Cesario Prado pelo consocio José de Mesquita, João Cunha e Miguel Mello pelo socio Philogonio Corrêa, havendo enviado os seus votos por intermedio da Mesa os socios Augusto Cayalcanti, Octavio Cunha, Isaac Póvoas e Antonio Fernandes de Souza, prefazendo o numero legal de quatorze. Pelo 2º secretario ad-hoc Palmyro Pimenta foi lida a acta da sessão anterior que, sem debates, foi approvada, passando-se em seguida á leitura da materia do expediente que constou do seguinte: Officio da Secretaria da Presidencia do Estado do Ceará accusando o recebimento e agradecendo a Mensagem que o Centro lhe enviou por occasião do centenario de José de Alencar; do Instituto Histórico e Geographico do Espirito Santo communicando a posse da sua directoria para o biennio de 1929 — 1931; da comissão promotora da commemoração do cincocentenario do Museu Simoens da Silva, convidando o

Centro a fazer-se representar naquella solennidade; do Intendente Geral de Aquidauana enviando o seu Relatório correspondente ao exercício de 1928; e, finalmente, uma carta do professor Cesario Netto declarando que, por motivos ponderaveis passava considerar-se excluído do numero dos socios effectivos do Centro. Passou-se em seguida ao objecto da sessão que era a eleição da Mesa e das Comissões que devem dirigir o Centro de 7 de Setembro viudouro a 7 de Setembro de 1930, tendo o presidente feito a leitura dos dispositivos dos Estatutos e do regimento interno referentes ao processo eleitoral, e verificando-se haver numero legal para a votação, procedeu-se á mesma, servindo de escrutinadores os socios Philogonio Corrêa e Palmyro Pimenta. Recolhidos os votos apurou-se o seguinte resultado: Para Presidente — Des. José de Mesquita, 13 votos; Des. Augusto Cavalcanti, 1 voto; para Vice-Presidente — Major João Cunha, 14 votos; para 1º Secretario, Prof. Philogonio Corrêa, 14 votos; para 2º secretario, Dr. Palmyro Pimenta, 13 votos; Dr. Oscarino Ramos, 1 voto; para thesoureiro, prof. Franklin Cassiano, 14 votos. Comissão de redacção — Drs. Oscarino Ramos e Allyrio de Figueiredo, 14 votos cada um, Dr. Palmyro Pimenta, 13 votos. — Comissão de admissão — Dr. Miguel Mello e Prof. Isac Povoas, 14 votos cada um; Professor Antonio Fernandes de Souza, 13 votos. Comissão de Finanças: — Major João Cunha e Prof. José Vilá, 14 votos cada um. Proclamados os eleitos, o presidente declarou que a posse da nova directoria se effectuará a 7 de Setembro proximo, de accordo com os estatutos. Foi em seguida resolvido pela casa que só se discutirá a renúncia do socio Cesario Netto na primeira sessão ordinaria e que a proxima "hora literaria" terá logar no proximo dia 12 de Outubro. Pelo Snr. Presidente foram dicitadas palavras de agradecimento pelo honroso suffragio dos seus confrades, declarando encerrada a sessão ás 11 horas.

José de Mesquita

Oscarino Ramos

P. Luiz Sutura

Bernardina Rich, pelo Gremio Julia Lopes.

Mary C. Bumial, pelo Gremio Julia Lopes.

Dinah Ponce de Arruda, pelo Gremio Julia Lopes.

Benedicto A. Londom

Jacinto de Siqueira

Allyrio de Figueiredo

Franklin C. da Silva

Palmyro Pimenta

Joaquim Monteiro de Mendonça

Acta da sessão extraordinaria de posse do Centro Mattogrossense de Letras

Aos sete dias do mez de Setembro de mil novecentos e vinte e nove, pelas nove horas, na sua séde actual, no Seminario da Conceição, realisou o Centro Mattogrossense de Letras uma sessão extraordinaria de posse da nova Directoria eleita a 15 de Agosto proximo passado para servir no periodo social 1929 — 1930, tendo a ella comparecido alem dos socios effectivos José de Mesquita, Allyrio de Figueiredo, Oscarino Ramos, Franklin Cassiano e Palmyro Pimenta o Rvmo Snr Padre Luiz Sutura, Vigario Geral do Arcebispado e uma comissão de socios do Gremio "Julia Lopes."

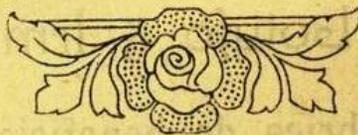
Após a aprovação da acta da sessão anterior, procedeu se á leitura do expediente que constou de dois officios, um do Dr. Norival Duarte Silva, communicando haver assumido o exercicio do cargo de Chefe do Serviço de Saúde desta Guarnição e outro do Director da Repartição Geral da Estatística, pedindo a remessa de dados informativos referentes ao Centro. O Sr. Presidente declarou em seguida empossada, de accordo com a acta de eleição que acabava de ser lida, pelo sr. 2º secretario, a Mesa eleita e as respectivas commissões, fazendo depois a leitura do bem elaborado e minucioso relatorio concernente á vida social do Centro no anno findo. Ao encerrar a sessão; ás 10 horas, o Sr. Presidente, em concisa allocução agradeceu o comparecimento dos presentes.

José de Mesquita

Oscarino Ramos

Isaé Povoas

Palmyro Pimenta



Pharmacia Americana

DE

B. Oliveira & Rondon

Rua 13 de Junho, 181 (esquina). Teleph., 32.

Grande sortimento de drogas e preparados pharmaceuticos nacionaes e estrangeiros.—Sortimento completo de Homeopathia em tinturas e globulos, Perfumarias—Nacionaes e estrangeiras :

Preços modicos

Consultorio Medico Permanente

Dr. Caio Corrêa e Dr. Agricola S. de Barros

das 15 ás 17 horas

CUIABÁ—MATTO-GROSSO.

Lotufo & Irmão

Com Fabrica de beneficiar arroz e

Casa de Ferragens,

Movels,

Artigos Sanitarios etc.

Rua 7 de Setembro 1

Telephone, 275

CUIABA'

MATTO-GROSSO